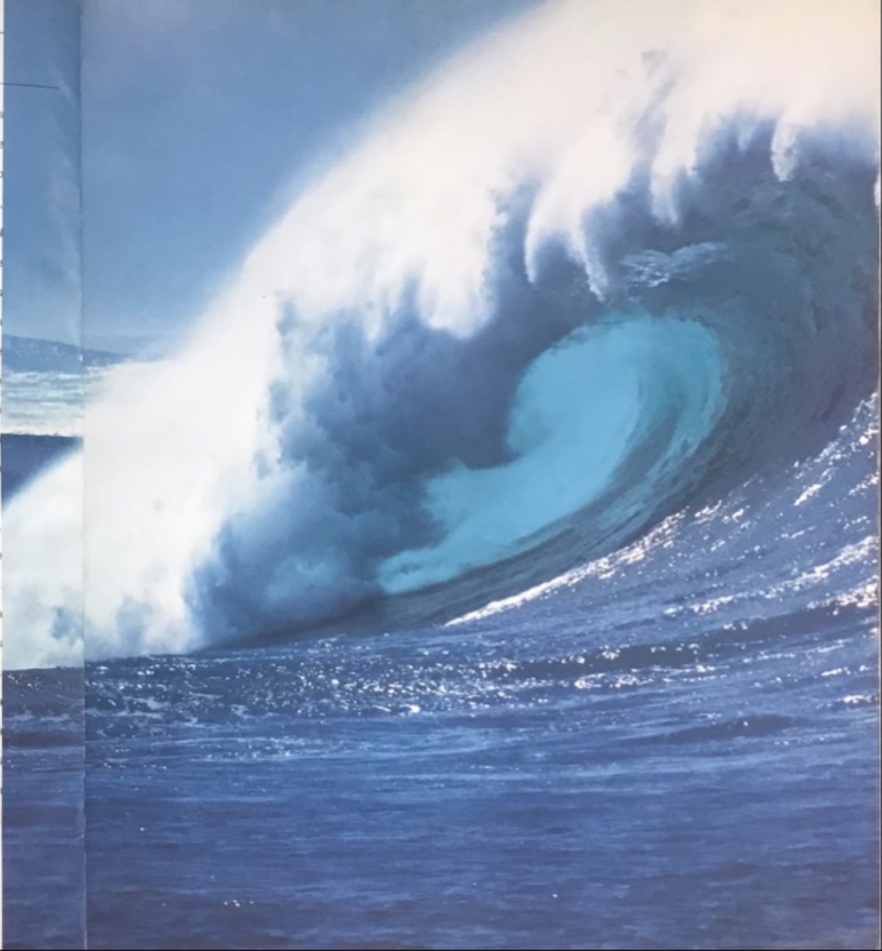


Zen Surfismo

Alma é a parte cósmica, eterna e infinita que todos temos. É a divindade que Deus colocou no templo humano. Neste novo projeto, tenho a enorme responsabilidade de transformar em marca algo tão divino e nobre. O start foi dado por forças muito maiores e mais responsáveis que a minha e a de toda a equipe. A base da revista, para quem conhece a minha trajetória, é colocar uma tórrida experiência editorial de 20 anos sobre um alicerce sólido e capaz de suportar todo o peso que existe na proposta Alma Surf. Vamos tratar o surf como religião, usando conceitos básicos desse esporte/ comportamento/ estilo de vida, e cruzar com conceitos básicos do zenbudismo, que há milhares de anos trabalha técnicas de relaxamento e desligamento da mente. O surf tem esta propriedade, e transforma seus praticantes em adeptos fiéis, cativando a tribo como poucas religiões monoteístas tem conseguido. Não estamos comprometidos com nada e ninguém, mas com a essência e a simplicidade que formam a magia do encantamento e da alegria. Alma Surf é simples. Alma Surf é clássico, moderno, ortodoxo, heterodoxo, quente e frio. É puro amor, é pura alegria, é puro surf! Vamos abordar e tratar o esporte com profundidade editorial inédita na mídia especializada. O planeta é o nosso mercado, e a nossa missão é influenciar e tocar na alma de cada surfista. Nossa equipe está à altura do desafio. Nossos parceiros internacionais estão ávidos por nossas convicções impressas. Vamos divulgar, difundir, influir e perpetuar novos limites e óticas. Estamos agora consolidando posições e papéis de direito de pessoas e propostas que já colaboraram muito como segmento. Por fim, os agradecimentos sinceros àqueles que com sensibilidade e comprometimento nos apoiaram acreditando que Alma Surf é o que todos nós temos de mais verdadeiro.

Romeu Andreatta Filho

*13
Viagem*

Está aberta a temporada de surf em Fernando de Noronha

*27
Tilo Rosenberg*

54 anos batendo perna atrás dos picos mais cabulosos do planeta

*38
Puro Surf*

Pigmeu, 17 anos e muito surf no pé

*46
Puerto exclusivo*

Dona Lorneli, tia Maria e Josefa. Você não imagina o que elas aprontaram no beach break

*68
Fotografia*

Dropou, virou manchete

*74
Moda*

O verão é um tesão

*84
Surf rotineiro*

São Paulo, 6h da tarde. Começa o vandalismo na capota do busão

Capa: Hawaii, foto Tiro Miller
Rodrigo Jorge, Grunari foto Galdo Bueno



FLÁVIO "TECO" PADARATZ.
ROCKY POINT, HAWAII.



SURF, SURF AND HANG LOOSE 

FLETCHER

WWW.OAKLEY.COM/NATHAN



Timeless sense of careless
emotions. In the shallow depths
of reality, we fly on a wave
of freedom in a land of
the unknown. Only the
future lies in the path of
the swells of energy.
So see you on the other side.

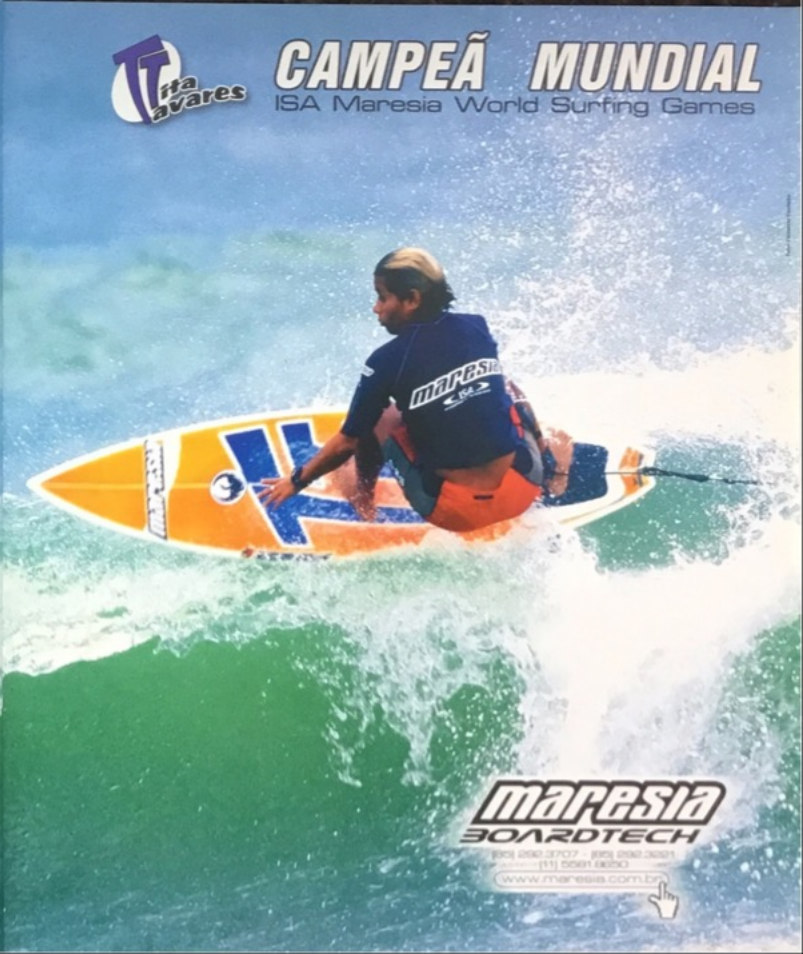
NATHAN FLETCHER





CAMPEÃ MUNDIAL

ISA Maresia World Surfing Games



maresia
BOARDTECH

8000 0000 00000 - 0000 0000 0000
[11] 0000 0000

www.maresia.com.br






BILLABONG



Sul - Sucate (0x4) 5541 8650
Norte - Nordeste - Centro Oeste (0x4) 252 3707
e-mail: billabong@billabongorcas.com.br

 **BILLABONG**.COM

WORLDWIDE BOARD CO.

(Danilo Costa) designer Tony Ploury / art by Karaf/Designer 2000

NA

PRO TEAM MEN



AMAURY "PIU" PEREIRA



PHOTOS: TONY FLEURY - www.naturalart.com

PRO 001983

U
S
E
L
E
C
T
E
D



'83 NATURAL ART

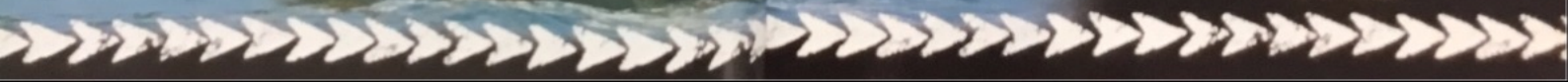
This is my wave.



Expedition
panaipan



Da Full



Por Tati Bueno

Uma visão cósmica, profunda e eterna do nosso tão significante esporte. Estilo de vida. Cultura alternativa. Seja qual for a qualificação, o significado Alma Surf não é algo passageiro. O tema vai além dos nossos sentidos. O grande amigo Mark Lund definiu o surf em três níveis. O primeiro é o surf físico-carnal. Esse é o nível básico e o mais concreto. O que todo mundo pratica. O surfista na praia absorve o sol e a água do mar; se enche de prazer enquanto vai deslizando sobre as ondas, captando as fontes naturais de saúde e estabelecendo um pacto de bem com o universo. A prática de remar, sentir no outside, levantar, deslizar sobre uma onda nos dá a liberdade de poder posicionar nosso corpo nas diversas partes do mar e das ondas, e transporta a gente aos mais diversos e bizarros lugares do planeta. O segundo nível é o surf cerebral. Aquilo que todos que já praticaram o surf físico começam a trabalhar inconscientemente. Seja olhando uma onda quebrando e se imaginando nela, seja transportando esta sensação pra fora d'água. E os sonhos? Ah, talvez eu já esteja abordando o terceiro nível, que com certeza é o mais nobre, o surf espiritual. Sonhar que estamos surfando é algo maravilhoso. É a nossa alma passeando pelo planeta e dropping a onda no subconsciente. Esse é o limite do surf e da vida carnal. O que acontece quando nossos irmãos surfistas se vão? Os que acreditam que a alma transcorre, sabem que estaremos surfando numa outra dimensão. Apesar de tudo que estou passando, a minha fissura pelo surf não acabou. Ele aumentou pela abstinência e também pelo fato de eu saber que o dia de sair e dar uma surfada ainda aqui no planeta está chegando. Eu sempre pensei que eu iria surfar até eu morrer. Nunca imaginei que aguentaria ficar tanto tempo vivo fora d'água. Eu tenho delirado um pouco ultimamente. Imagine o surf a bordo de um veículo aquático com motor de jet ski e um cockpit de Fórmula 1 onde o piloto ira sentado. O veículo desliza no nível de água e abaixo da superfície. Assim, eu poderei surfar novamente, afundando nas espumas para passar a arribentação até chegar no line up. A vontade é grande. Mas agradeço sempre pelas ondas que já surfei e talvez por isso eu consiga compreender o todo da situação e continuar a minha vida em sintonia com o universo. O meu cérebro é surf e raciocina objetivamente como as lótes que eu já aprendi na água.



Alma Surf

COSEMANOS PRODUÇÃO EDITORIAL
Roney Andréia Filho
Mário Dias Carvalho

ALMA SURF
Projeto Editorial
Roney Andréia, Rosalci Cavalcanti,
Fernando Mesquita, Fernando Costa Neto

Diretor de redação
Fernando Costa Neto

Projeto Gráfico e Direção de Arte
Fernando Mesquita

Editor
Rosalci Cavalcanti

Assistente de redação
Francis Barros

Assistente de Arte
Guilherme Travenço

Departamento Comercial
Carman Lúcia Melo Silva

Departamento Financeiro
Flaviano Sales

Colaboraram nesta edição

Texto
Adriana Chaves, Arthur Vasconcelos, Diógenes Jaime Siqueira, Leonardo Siqueira, Marlon Moraes Bragança, Paulo César Martins, Sílvia Mancini, Tati, Tati Rosenberg

Fotografia
André Cyrano, Alberto do C. Alves, Beto, Beto, Beto, Paulo Lima, César Lefevre, Fernando Mesquita, Filho Imagem, Galvão de Guimarães Castro, Sam Kinoshita, Sílvia Lira, Paulo Vitor, Peter Frenkel, Roberto Pinho, Roberto Wagner, Sean Davis, Tara Miller, Tom Mikariva, Tati Rosenberg

Distribuição
Dinep S.A. - Distribuidora Nacional de Publicações

Publitas
Le Mix Editora

Papel
Impressa

Impressão
COPY SERVICE

Armazenamento
Alberto J. R. Woodward MFB 18001

A revista Alma Surf é uma publicação da Cosemanos Produção Editorial Ltda.
As matérias publicadas não refletem necessariamente a opinião da revista e sim a de seus autores.

Correspondência:
Rua Dr. Francisco Brasil, 255, Marumbi, SP
329 - 13116-000
Telefone: 3744-3711
e-mail: almaurf@uol.com.br

Tragem desta edição: 20.000 exemplares



www.mcdmorecore.com.br

o original
na frente
do novo



Fernando de Noronha



Céu azul. Água transparente.
Altas ondas.
Está começando a temporada
de surf em Noronha

Por Rosaldo Cavalcanti

Vinte e uma ilhas, ilhotas e rochedos no meio do Oceano Atlântico, a 545 quilômetros de Recife e 360 de Natal. O arquipélago de Fernando de Noronha é um dos lugares mais bonitos do Brasil e muito procurado por surfistas atraídos pelas ondas perfeitas e tubulares, constantes a partir de Novembro. O arquipélago é um santuário ecológico e abrange uma Área de Preservação Ambiental (APA) administrada pelo governo de Pernambuco, e outra onde foi criado o Parque Nacional Marinho Pernambuco (IBAMA), que ocupa 70% do arquipélago. O objetivo das duas entidades é proteger a fauna, flora e também o patrimônio histórico e cultural. Picos como a Cacimba do Padre e o Boldró são os mais famosos entre os surfistas. A água do mar é quente e transparente. O clima é agradável durante todo o ano.



Lucrecio Rodrigues, Boldró - Foto Tim McKenna



A FORÇA DAS MARÉS EM NORONHA

As marés variam bastante em Noronha. É fundamental que o surfista esteja atento às mudanças, uma vez que elas influenciam diretamente a qualidade das ondas. Procure conversar com os locais e estar por dentro dos horários das marés para não perder as melhores sessões do dia.

TAXA DE PRESERVAÇÃO AMBIENTAL

Após desembarcar em Fernando de Noronha, qualquer visitante é obrigado a pagar a taxa de Preservação Ambiental - PAV, cobrada pelo governo de Pernambuco e destinada a assegurar a manutenção das condições ambientais e ecológicas do arquipélago. O pagamento da taxa é obrigatório por lei.

INFORMAÇÕES ÚTEIS

Temperatura média: 25 graus Celsius
População: 2.300 habitantes
Fuso horário: 1 hora e mais em relação ao continente.
Período de alta estação: 01 a 31 / julho
Período de baixa estação: março a junho - 01 ago / 14 dez
Voltagem: 220 volts
DDD/DDD: 0055 (081)

ONDE FICAR

Além do principal hotel do arquipélago, o Emeraldis, há um sistema de hospedagem domiciliar onde os moradores da ilha recebem os turistas em suas casas. Alguns surfistas nativos transformaram suas residências em pequenas pousadas e passaram a viver do turismo. Nos últimos anos, o número de pousadas aumentou, e a qualidade do serviço melhorou.

As melhores ondas

As ondas de Noronha estão entre as melhores do Brasil. Durante o verão brasileiro, quando as ondulações são menos constantes e a maioria dos picos de surf tendem a ficar flat, Noronha costuma receber os maiores swells do ano. Um dos melhores surf spots do arquipélago é a Cacimba do Padre. Na Cacimba, as ondas quebram entre 2-10 pés sobre um fundo de areia. Nos dias de ondas grandes, a Laje da Cacimba, uma das ondas mais longas e pesadas do arquipélago, costuma ser uma das melhores opções. A melhor hora do dia é com a subida da maré. Com a maré baixa, as ondas fecham mais. Perto da Cacimba fica a Praia do Bode, onde existe uma pedra que foi batizada como Laje do Bode. Os tubos da Laje do Bode são conhecidos. Boldró é outra boa opção para o surf no arquipélago. Um fundo de coral raso e bastante areado costuma proporcionar bons tubos para os dois lados. No entanto, as direitas tendem a ser melhores, mais longas e bastante tubulares. Na Praia da Conceição quebram algumas das melhores ondas em Noronha, principalmente nos dias pequenos, quando a maioria dos outros picos não está muito bom. Conceição também funciona bem na subida da maré. Dependendo do tamanho e da direção do swell, você vai poder ainda pegar bons tubos na maré vazia. A Praia do Cachorro é outro pico bastante procurado nos dias de ondas pequenas. Apesar de não ser muito badalado, as direitas que quebram perto do canto direito do Cachorro não deixam nada a desejar às outras ondas de Noronha. Outro pico, a Biboca, é uma onda quase lendária. Quando o swell está realmente bombando, a Biboca pode se transformar na única opção para o surf. São raros esses dias, mas eles costumam entrar para a história. Na ponta leste do arquipélago, as direitas do Rufo e as esquerdas de Abras são duas ondas reverenciadas pelos surfistas locais. Muitas lendas e histórias de dias perfeitos envolvem os dois picos, que quebram poucas vezes por ano. Quem já caiu, garante que esses dias são inesquecíveis.

O serviço é bem simples e nem sempre é o mais barato. E este é um dos principais problemas do turismo em Noronha. Infelizmente, o custo costuma estar acima da média brasileira, enquanto a qualidade do serviço presta normalmente deixo a desejar. No geral, a infra-estrutura está longe do ideal.

DICAS DE POUSADAS

- Pousada Nativa**
 - 5 aptos. Ar/TV
 - Diária simples.
 - Telefone/ fax
 - (081) 619-1250
 - Pousada das Flores**
 - 3 aptos. Ar/ventilador/tv
 - Diária simples
 - Telefone/Fax
 - (081) 619-1224
 - Pousada Tia Zete**
 - 6 aptos.
 - (ar/tv/frigorifer/aquecedor solar [chuveiro quente])
 - Diária completa
 - Telefone/ fax :
 - (081) 619-1242
- Maiores informações na Associação dos pousadeiros**
Tel. (081) 619-1380

Os visuais são incríveis. Os mais corajosos podem exercitar a adrenalina nadando com os tubarões na Praia do Leão. Apesar do grande número de tubarões encontrados em volta do arquipélago, até hoje nenhum turista foi atacado. Existem algumas empresas de mergulho que oferecem cursos e alguns passeios interessantes para os turistas.

- #Águas Claras**
(081) 619-1374
- # Atlântico:**
(081) 619-1374
- # Noronha Divers**
(081) 619-1112

ALUGUEL DE CARROS

As distâncias que separam as praias do arquipélago costumam ser percomidas a pé, debaixo de um sol escaldante. Os turistas que alugarem um buggy devem estar preparados para pagar caro por um veículo nada confiável. São normais as cenas de carros quebrados ao longo das ruas que cortam



Empresas de mergulho :

Noronha é um lugar especial pra quem curte mergulhar. Procure explorar o fundo do mar nos arredores do parque marinho

o arquipélago. Como se não bastasse, o preço da gasolina é ridiculamente caro.
Tropical Rent-a-car
(081) 619-1205



O QUE COMER

Existem alguns restaurantes espalhados pelo arquipélago, mas não espere muito. A qualidade pode variar bastante de acordo com o

O QUE LEVAR
Procure levar roupas bem leves. Nada de casacos. Você vai passar o dia inteiro, e provavelmente a noite também, de calção e camiseta. Não esqueça o bonê ou um chapéu de abas largas pra proteger o rosto. Filtro solar é outro acessório indispensável. O sol é muito forte e quase não existe sombra nas praias. Uma boa dica é ter sempre uma barraca pra praia por perto, principalmente se você quiser montar uma base na areia para guardar suas coisas enquanto espera pela melhor hora do mar. Um bom óculos escuro também não pode faltar. Uma mochila e outro acessório importante. Ela vai servir para você carregar todos os itens do seu "kit praia". Um bom par de tênis, ou uma sandália que agüente o tranco das longas e cansativas caminhadas, é fundamental.

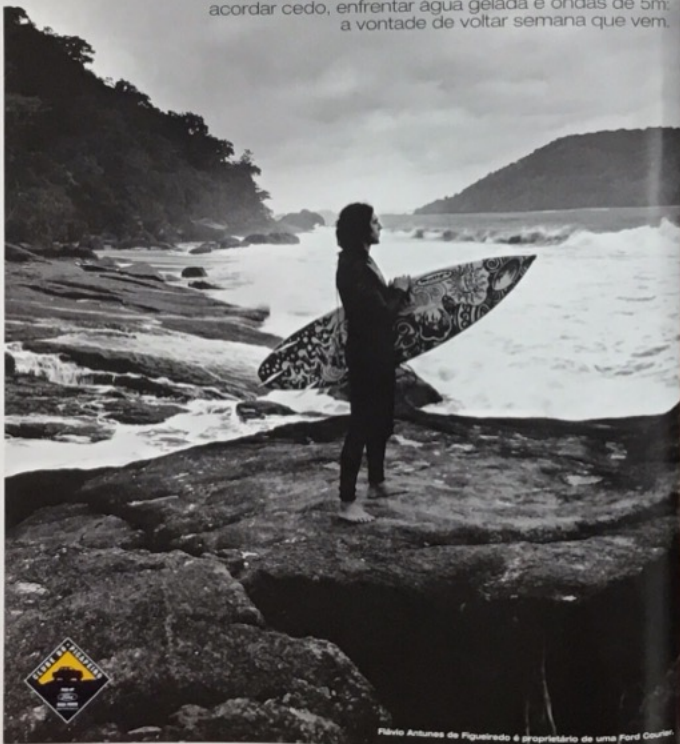
COMO CHEGAR

Vóos diários ligam as cidades de Recife, Natal e Fortaleza ao arquipélago. O tempo de voo costuma ser de 1 hora, e os preços podem variar de acordo com a época do ano.

estabelecimento escolhido. Os preços também. O Estaralado costuma servir um bule aceitável, mas que depois de alguns dias se torna insuportável. É difícil de acreditar, mas comer um prato de peixe em Noronha pode se transformar numa missão impossível. Mesmo nos dias de hoje, o prato mais popular continua sendo o tradicional PF de frango. Por ser um parque nacional marinho, a pesca está proibida nos arredores do arquipélago. É verdade que nos últimos tempos as coisas têm melhorado, mas a infra-estrutura da ilha ainda está longe de ser uma Brastemp. Muitos surfistas trazem do continente as lanchas favoritas.



Flávio Antunes de Figueiredo. Ubatuba, SP.
Só uma coisa é maior que a vontade de
acordar cedo, enfrentar água gelada e ondas de 5m:
a vontade de voltar semana que vem.



Flávio Antunes de Figueiredo é proprietário de uma Ford Courier.

Centro de Atendimento Ford: 0800 90 FORD (0878)

Ford Courier.
Inspirada no que a liberdade
tem de mais emocionante.



Pick-up Ford. Bicampeã em vendas.

PICK-UP



RAÇA FORTE



Tito

Ein Mann gegen die Welt

Rosenberg



Tito e Julius Tito Rosenberg

Ele nasceu na Urca
e gastou os primeiros anos da vida cortando as ondas do Rio com uma madeirite.

Passado algum tempo, caiu na estrada e cruzou
mais de 70 fronteiras atrás da onda perfeita e da vida ideal.

Aos 54 anos, Tito Rosenberg é o maior aventureiro do surf que se tem notícia no país



Marrocos em pleno anos 70. Quando o crowd estava longe de ser um problema



No início da minha vida, o meu caminho já era
trilhado pela areia. Primeiro na praia,

aos dois anos de idade, na urbe espremida entre
cidade e o mar. Mas tarde, mergulhei

no imenso deserto, onde o horizonte não tem fim.
Eu nasci com tração integral nas duas patas

e nas quatro rodas. Não desisto facilmente dos meus
sonhos e das minhas amizades.

Por essa mesma razão, eles são difíceis

de serem realizados e encontrados, e trazem

muito prazer quando se tornam apenas memórias.

Se hoje fosse o dia de partir novamente,

iria tranquilo, pois ainda acho que deixei de fazer

muito menos do que fiz. O que busco na vida

é sair dela com saldo positivo na contabilidade

das descobertas, rico, ainda que só de experiências.

Talvez por isso, até hoje não tenha

conseguido resistir ao apelo da estrada. E ela tem sido

longa e cheia de surpresas agradáveis.

A estrada

26/11/20

TITO ROSENBERG



Copacabana dos anos 60, os longboards eram o que existia mais moderno e raro

O início do surf



1968. Tito e Maraca desbravando o inexplorado litoral fluminense

A juventude dourada largada nas areias do Arpes



Nasci a menos de 100 metros da praia, que naquela época era a Urca. Cresci a menos de 100 metros da areia, dessa vez, Copacabana, Posto Cinco, com direito a bonde, bicicleta e tábuas de pegar jancaré.

Passei horas sentado ao lado dos salva-vidas que chamávamos de baristas, esperando sem pressa a hora de ir para casa com Conheço quem tenha trocado o termo e a gravata pela simplicidade voluntária. Vi gente renascer graças

as brucadas poderosas e a coragem dos homens anfíbios, arpo-de-guarda da areia. Logo cedo aprendi que podia ser rei e maluco ao mesmo tempo, e que isso era a mesma coisa se eu não fosse feliz. Aprendi no quebra-coco de Copacabana a ser humilde. Mas a curiosidade é maior que o oceano.

Estar dentro do mar, cercado de água por todos os lados, como um peixe temporário, é a sensação mais agradável. Escola e praia fizeram parte do meu programa de todos os dias. Passei a maior parte da vida de criança brincando com as ondas

que os salva-vidas me ensinaram a driblar e usar para chegar de volta à praia, raspando o peito na areia.

Furar e arrebatamento em dia de ressaca é uma festa, e isso numa época em que a Avenida Atlântica tinha só uma pista e o Baixo roncava com frequência.

Com o primeiro pé-de-pato, me aventurei pra lá de rebentação.

Dei era verde, marca Swim-Fin, usado pelas que pegam onda de peito como forma de arte.

Comecei a pegar onda com umas lindas tábuas de jancaré que eram vendidas na loja Balnea, que até hoje, passados 50 anos, ainda está no mesmo lugar, na Rua Santa Clara. Copacabana é um mundo inteiro, com suas belezas, multides, gólgos de praia, piranhas, pescadores, jogadores de medicine-ball, mais tarde chamado de handball, e turistas. Em 1953, aos 7 anos de idade, apareci no jornal pela primeira vez. Procurava piche derretido nas ruas escaudadas pelo sol quente, não vi um carro se aproximar e acabei atropelado.

Vivi notícia na Rua Djalma Ulrich.

A bola apressada de prumo de trator estava furada e a turma triste. Resolvi tapar o furo com o subproduto da rua derretida, e dei bobeira. Uma meses sem poder enxergar me fizeram apreciar ainda mais as belezas da vida.

BEATNIK DO ARPOADOR

Em 1955, a família se mudou sem sair de Copacabana. Fomos da Avenida Atlântica para a São Ferreira. Minha praia, amigos, ondas e cansa passaram do Posto 5 para o Posto 6. As ondas agora chegavam junto ao paredão do Forte de Copacabana, sob as asas do Serviço de Salvamento.

Nesta época, meus pais me apresentaram com uma prancha

de marca Osewa, feita de compensado, com por dentro e que tinha um deserto e tamanho similares a de um velero leser achatado. Ela era larga e real, sentido, eu me deslocava rápido sobre o mar graças a um grande nemo de madeiras. Algumas vezes tentava descer as ondas, mas a dorada era pesada e dava embocadas sensacionais.

Remandi, comecei a explorar novos territórios. Embarquei numa viagem até Ilhéruema. Na primeira tentativa, sai de Copacabana e cheguei até a Praia do Diabo, onde fui pego por uma lancha com salva-vidas que me impediram de seguir viagem. Foi obrigado a voltar rebocado. Na segunda viagem, sim, cheguei até o Arpoador, onde perotei pela primeira vez uma canoa pegando onda em

numas tábuas que pareciam com as que eu pegava de peito, mas só que bem maiores. Fiquei impressionado. E pensei, ainda vou pegar onda em pé, e não vi ser nesta prancha com nemo. Passei a ir até as pedras do Arpoador pra curtir a vida com os remadores do Flamengo. Lá era o território deles. Logo fiz amigos e comecei a surfar com as pranchas deles. Mesmo depois de anos surfando, nunca fui dono da minha própria madeira, o que não chegou a me causar traumas (obrigado, Edgard Gorilho).

No Arpoador, vi uma adolescência turbulenta, alternativa e transgressora. Era uma época de muita posse na praia e brigas em casa.

Rebetei sem causa, fui uma espécie de beatnik, um contestador das normas da época.

Andava com um comidão de praia no peixeço que escondia meus pais conservadores. Não queria ser carente como os outros. Sem mesada devido ao excesso de vigiância dos pais, vivia o dia todo na praia curtindo as ressacas e os intermináveis jogos da frente para as Ilhas Cagarras. Para me alimentar comia mariscos do Arpoador que pegava mergulhando com uma chave de fenda, acompanhado do meu amigo Rafael Gonzalez. Comíamos os crustáceos numa lata de 20 galões de barba que a gente guardava no posto dos salva-vidas. Passado algum tempo a gente viu as madeiras dando lugar as pranchas de poliestireno e fibra de vidro importadas. Das eram caras e necessavam para a maioria dos surfistas da época. Junto com as pranchas de fibra chegou a moda californiana. De cabelos torcos começaram a adotar as cabeças

morenas streivas de miagens orgenadas. Eu preferia ficar out, usar as pranchas dos amigos e permanecer com a cabeça de cor que é retranca me deu. Comecei a trabalhar aos 17 anos como jornalista das revistas

Manchete e Fatos e Fotos. Foi o primeiro de minha turma a ter um emprego. A paixão pelo jornalismo não acabou mais. Foi estranho, posses, peguei onda e tomei galeto pelo polifônico.

MACUMBA NO CAMINHO

Com o passar dos tempos, alguns da turma completaram dezoto anos.

Os carros começaram a aparecer no pedacão, e com eles a possibilidade de ver se estava querendo andar em outros lugares. No início, as "expedições" subiam até a Barra da Tijuca, distante e difícil de chegar pela via litorânea. Era uma época de Rio sem tunes, de militares torturando e muito medo na cidade. No jipe do Johnson ou na Volkswagen do René Macróbio começamos a pesquisar o litoral em busca de novos picos. Logo, em dia de suboeste, a gente estava pegando onda no cartão do Recreio, e na Macumbá. Caminhávamos por uma estrada trilha que saía do final da Macumbá e íamos dar na Praia do Leprosário, uma flocão pra espantar

"invenções". Mas tarde, depois de muitos anos incessantes, esse secret spot passou a ser conhecido pelo nome de Praia. Pegar onda no meio da Barra era o maior símbolo de status que um surfista podia ter.

Com o passar do tempo, a gente começou a pesquisar o litoral na direção de Cabo Frio, e descobrimos Saquarema, Messambaba e as ondas cristalinas do Arraial do Cabo, onde os pescadores furavam os pneus dos carros para que não fossemos espantar os peixes. A Praia do Forte, Peró e Genó foram descobertas pelo pessoal da pesca submarina que reconheceu o potencial surfístico. Em 1967, eu comprei o meu primeiro veículo, um jipe Willye e surfeei Genó pela primeira vez numa memorável expedição. Fui com o meu companheiro do Kawabanga Surf Team, um poem que apelida de Manca. Os horizontes começaram a se expandir dentro e fora de nossas cabeças.

O MUNDO FICA MAIOR

São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Uruguai entraram na rota do descobrimento. O Brasil de repente ficou pequeno, e meus olhos grandes. A ditadura batia e prendia. Amigos sumiram e o Rio ficou feio, tomado pela paranóia. Os cachorros ferozes estavam soltos, e era dar bofeira para ser mordido. A visita estava aguçada e ao mesmo tempo distorcida pelas recentes descobertas e influências psicodélicas. Na casa do Coronel Parreiras eu comprei a minha primeira prancha. Lá também aprendi a usar a lâ de vidro e o isopor que revolucionariam o cenário. Senti dentro de mim um desejo enorme de viajar. Me mandei pro Peru e México em 1967. Na volta, o país fediu, as ruas estavam caladas, os quartéis falhando alto. Parecia que não havia luz no fim do túnel. Lia os jornais com receitas de bolo na primeira página. Semia vergonha de ser brasileiro. Edson Luiz morreu no calabouço. Meu jipe, que de manhã levava uma prancha de surf na capota, de tarde transportou o caixão do estudante assassinado pela ditadura, da Câmara dos Deputados até o cemitério. Um surfista politizado. No finalzinho de 1968 houve uma ruptura metafísica e fui tomado pela estrada tendência. Lavei pratos em restaurantes, cresci com os Beatles e viajei de submarino amarelo. O mundo era redondo. Carnaby Street, quarto dividido com outros lavadores de prato, vida sem surf, mas cheia de novidades. Sai da prancha para um Austin Mini, e junto com os colegas de cozinha formamos um grupo de músicos itinerantes. Partimos pra descobrir a Europa. Depois de meses tocando e cantando nas ruas, de Estocolmo a Istambul, parei nas areias de Formentera, em pleno auge do movimento hippie. A vida seguia sem roupas nas praias, a descoberta do amor livre atacava a mocada, e as aventuras, quanto mais alucinógenas, melhor. Dei conta de que para fazer uma grande viagem, não era preciso sair do lugar. Quanto mais eu conheço do mundo, maior ele fica. E quanto mais sei, mais sei o quanto não sei. Cheguei em Biarritz no final de 69. Meses depois fui morar na vizinha Guethary. Guethary quebra como Sunset e as ondulações são mais frequentes do que as da Califórnia.

Um centro nervoso do circuito tipo "endless summer" e um ponto de encontro de soul surfers de todos os continentes. Lugar ideal para fazer amigos e crescer um pouco mais. Bob Cooper me ensinou que dava pra viver do surf. Depois de uma curta temporada fazendo pranchas no rio Inglês, novos rumos me levaram à Califórnia, numa época mais paz e amor do que nunca. Estava em casa

CALIFORNIA DREAMING

Califórnia é Mamma's and Pappa's, e quem dormiu no sleeping bag sabe disso. Era a terra das ondas mais clássicas, gente excêntrica e criadora de moda. Estar na Califórnia era surfar tendências. A adaptação não foi fácil. Passei um ano e meio morando numa Kombi na beira da praia. Trabalhei pra comer e de repente, não mais que de repente, me vi com casa, emprego, mulher e compromissos. Trabalhei na Surfboards Hawaii, Takayama, Gordon & Smith, Skip Frye. Surfeei ondas inesquecíveis em Swami's, Sunset Cliffs, Econd's e Mission Beach. Nenhum brasileiro passou pelas mesmas ondas. Ainda era visto como marciano e bem vindo. Depois, tudo muda com a chegada dos selvagens, predadores e malandros. Eu fugi.

UMA FÁBRICA DE SONHOS

Em 1971. Voltei ao Brasil pra montar um pequeno artesanato de pranchas na Barra da Tijuca, e logo depois nudei pro Recreio. Encontrei a mocada ainda ralando esina. Minha experiência na Gordon's Smith me situou nos luz na frente. Duas pranchas por semana, sem empregados. Sucesso de mercado e insucesso com a apazada que morria de inveja do acabamento do meu trabalho. O público entendeu e queria mais. Fiz 300 pranchas em 3 anos. Mas o Brasil ndava feio, e eu, isolado no continente sul, sentia falta do mundo da aventura. Era hora de cair na estrada outros vez.

A VIDA SOBRE RODAS

O Land Rover virou minha residência permanente. Voltei surfar na França, rever amigos e aprender ao invés e ensinar: Marrocos, Saara, Maurtânia, Senegal, Mali,

O Land Rover virou minha residência permanente

Costa do Marfim, Libéria e outros lugares estranhos pareceram no meu confuso caminho. Felizmente, bons amigos indicaram a direção. Três anos a bordo me rouxaram muito cansaco, mesmo descobrindo ondas que nunca ninguém jamais tinha surfado. Viver na África é pra qualquer um. Os compadres norte-americanos Greg Peterson e Kevin Naughton me acompanharam pelas trilhas mal sinalizadas do Saara. Dois anos depois, cheio de fugir da aventura, voltei pra Califórnia e pra vida de escultor.

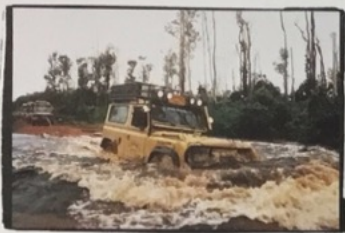
Insatisfeito da californicação, parti para Washington, entre as florestas e a vida alternativa. Vivi como tratonista e arpinteiro, e na paz que poucos conhecem deixei minha mente e meus cabelos crescerem rumo ao infinito. Ainda hoje penso nas amizades e nas noites tornando saquê endo a neve cair no rio tranquilo enquanto usávamos um som. Há tempos que não voltam mais. As há outros que viajam imortalizados dentro de nós, agradeço aos céus pela memória. Espero que ela segure minha velhice desatrada.



Linha marroquina. Quando até os camelos morrem de sede.



T
Rosenberg
TO



Cruzando Bornéu durante o Camel Trophy



Clapton, Santana e Stones em Bornéu

Martelava e martelava a cabeça e não sabia uma deficiência. Não que seja dessas pessoas que para entender as outras precisa ajustar, classificar. Confesso, no entanto, a indescritível sensação de alívio ao ouvir o simpático Doutor Karetta encontrar o que eu tanto procurava: São dois velhos hippies. Otimo encontrar gente assim! Concordo. Só ai entendi a personalidade de meus dois companheiros naquele Land Rover, transformado em Land Rover: Carlos Probst e Tito Rosenberg. Carlão e Tito são dessas pessoas em estância - jamais gritam, jamais impõe argumentos. A cada instante os dois parecem encontrar nas coisas mais simples o doce hábito da convivência pacífica.

Viu no popular: dois caras legais. Sem querer me pegue - eu, que já havia feito metade de um Camel Trophy na Amazônia vivendo a grande viagem da minha vida. E não era para menos: estávamos na

Indonésia e o nosso carro - chamar o Land Rover de jipe é ofensa que o inglês não perdoo - sacolejava, atolejava, capotava e seguia em frente pela mata de Bornéu. Parecia até que o Land

Rover também tinha gostado do Carlão e do Tito, que se revezavam no volante, e fazia de tudo para não decepcioná-los. E dige-se a verdade: relação de amor-ódio plenamente correspondida - os dois seguravam o volante como duas velhas danças elevando lençóis para empoar o nariz. E ando já se viu hippies viajando sem música! Carlão providenciou uma aparelhagem de som, pela qual nos remetíamos aos anos 60 e 70 com Eric Clapton, Santana e Rolling Stones. Como bom surfista, Tito não esqueceu das fitas de Bob Marley, Jerry Cliff e outros jamaicanos menos cotados. Eu e o Carlão torcíamos um pouco o nariz, mas só de brincadeira com o Tito. Com tal astral, será necessário dizer que aquele carro se transformou na estrada do Camel Trophy? Se acham pouco, vamos lá: todas as noites, os dois promoviam uma festa, rolando sob a capineira feita por Carlão. No fim, os outros pilotos não podiam tomar outra atitude do que eleger Carlão e Tito como a dupla símbolo do Camel Trophy. Aquele que durante todo o percurso jamais criou qualquer tipo de confusão, sempre disposto a atender o chamado para o trabalho árduo a uma temperatura de mais de 40 graus à sombra. Os dois, agora, tiveram a ideia de escrever este livro, retratando tudo que aconteceu em Bornéu. Mostram, mais uma vez, que são dois caras legais, prontos a repartir experiências. Quanto a mim, que não gosto muito de matar, às vezes me pego lembrando a nossa aventura do outro lado do mundo. Aventura que não teria sido a mesma, se não fosse a presença de Carlão e Tito. Dois caras que a gente encontra uma vez só na vida. Como tenho sorte, encontrei os dois de uma vez só!

Paulo César Martins, jornalista de O GLOBO, acompanhou Carlos Probst e Tito Rosenberg durante a aventura.



Costa da Libéria. Início dos anos 70. Ondas perfeitas que hoje não podem ser surfadas por conta das guerras

T
Rosenberg
IO

DE VOLTA PARA O FUTURO

Manaus, Rio Negro, Funai, Buzios, Partido Verde, vídeo guerrilha, tanta coisa que começo a pensar que já vivi um monte de vidas.

Nessa época editar um jornal, foi candidato a vereador ecológico, mas desisti de lutar pelo impossível. O Brasil é um pau que nasce torto.

O cansaço, a tristeza, a impossibilidade de surfar ao lado dos caribás aquáticos, gente sem classe nem passado, um bando de selvagens que como os jacarés, comem uns aos outros. Desisti outra vez da terra antropofágica. Vendi tudo pela milionésima vez.

Já não valia mais acumular nada diante de uma sociedade que devora tudo que vê pela frente. Cai no mundo.

Calônia na bússola, Europa, Guethary outra vez, velho mundo, novas vivências. Encontrei a paz entre as ruínas do império romano.

Agora estou no ano 2000. Nunca acreditei que fosse chegar.

Apesar de quando garoto achar que aos 40 não conseguia mais pegar onda, aos 54 a prancha ainda desliza suave sob meus pés, entre cidadãos surfistas do velho continente civilizado.

Penso com tristeza na autofagia brasileira, nas ondas cheias de piranhas, nos escorpiões da areia. Não sou mais de perto nenhuma. Perdi minhas raízes. A cada dia, me sinto mais deslocado do resto do mundo.

Onde estará a minha tribo?

De paraíso a Mad Max dos famintos



Por Jaime Spitzcovsky

Pedaco de pano amarrado à cabeça, torso nu sob o escaldante sol africano e cara escondida por desajeitados óculos escuros. O guerrilheiro coloca munição no fuzil AK-47 e dispara para o ar. A moto sai em alta velocidade. Levanta uma densa nuvem de poeira na rua de terra batida, assombrada por dezenas de palhoças abandonadas. Expulsos pela violência, os antigos moradores daquela rua vivem hoje num campo de refugiados na Guiné.

A cena, com toques de um Mad Max dos famintos, serve para descrever a realidade de países da África Ocidental, flagelados por algumas das mais ferozes guerras civis deste final de século. Na Libéria, os enfrentamentos atingiram sua fase mais violenta entre 1989 e 1996, para perder temperatura nos últimos anos.

Mas a terra do ex-guerrilheiro Charles Taylor, hoje presidente libiano, é um "desconvincente" ao mais intrépido dos aventureiros.

A guerra civil, à distância, parece anestesiada, mas a violência campeia num país em que 80% da população vive abaixo da linha de pobreza. O desemprego paralisa 70% dos trabalhadores.

As cicatrizes desenhadas pelas atrocidades da guerra civil na vizinha Serra Leoa — crianças arregimentadas à força para lutar; pernas e mãos amputadas em punições — ainda não fecharam. Combates pipocam num país sem lei. Tropas estrangeiras, em especial britânicas, tentam colocar ordem naquele caos provocado por diferenças étnicas, interesses econômicos e fronteiras mal traçadas pelos senhores do colonialismo.

A Costa do Marfim, uma espécie de irmão mais rico e estável da família africano-ocidental, mergulhou recentemente em ondas de turbulência. O Nizal de 1999 entrou para a história do país como a data do primeiro golpe militar naquela ex-colônia francesa que representa para a região uma espécie de EUA. Mais de 20% da sua população é formada por trabalhadores estrangeiros que chegaram à Costa do Marfim atraídos pela prosperidade (relativa) oferecida por plantações de cacau e café.

A África Ocidental, com suas guerras civis e tensões étnicas do Senegal à Maurtânia, ilustra o destino reservado ao continente por uma globalização que tem seus olhos voltados como a China. A exclusão globalizante dá o caráter paradisíaco de vários rincões africanos e faz emergir conflitos sangrentos. Libéria e Serra Leoa que o digam.

Jaime Spitzcovsky é diretor do site www.primapagina.com.br



99.9% de chance de ser surfista.

77.2% de chance de ser surfista.

Tropical Brasil.

Surf é a nossa praia.



Prepare-se! Os melhores picos de surf do Brasil num clique.

<http://waves.terra.com.br>

waves A comunidade virtual do surf.

Clicando na página Waves Check, você irá encontrar a cobertura dos melhores picos do Brasil e boletins fotográficos do swell, mostrando a real condição do surf nas praias do Rio de Janeiro, Florianópolis, Ubatuba, São Sebastião, Guarujá, Santos, São Vicente e Praia Grande. E ainda, a previsão de entrada de ondulações e links meteorológicos. Waves, neste site você não navega. Você surfa. Acesse já!

terra
 A Internet
 mais fácil do que nunca.



Por Antonio Augusto

Nome: **Bernardo Pigmeu**

Idade: 17 anos

Tempo de surf: 7 anos

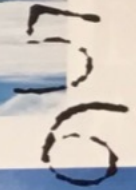
Sonho: Superar todas as dificuldades que encontrar pelo caminho



U B M G P I P



Por Antonio Augusto





Apesar da pouca idade, Pigmeu já xeretou os 4 cantos do mundo e pode conhecer de perto o que existe de melhor no meio do surf. Picos como Tahiti, Hawaii e G-Land não são mais mistério pra ele. O desafio agora é entrar para o **WCT**



Na sua opinião, quem são os melhores surfistas do mundo hoje em dia?

O Tom Curren pelo estilo, o Occhipello pela determinação e o Kelly Slater pela força de vortade.

O que um garoto tão novo como você aprendeu nas viagens que fez pelo mundo?

Aqui no Brasil tem onda boa, mas é viajando que você vai adquirir experiência suficiente pra aprender a entubar e fazer todas as manobras. Para mim, foi demais! Aprendi a surfar onda boa e agora eu sei lidar com as manobras e com as manhas do esporte. Em lugares como G-Land e Tahiti eu aprendi a surfar de verdade.

Dá para conciliar escola e surf na sua vida?

A coisa mais importante nos estudos é a cultura geral que você ganha. A gente aprende administrar melhor pra entender as coisas. Infelizmente, eu parei de estudar na metade deste ano por causa das viagens. Tava viajando muito e quando voltava, sempre estava muito atrasado em relação ao resto da turma. Mas no ano que vem quero voltar. E vou pra Austrália fazer um curso. Eu procuro conciliar a minha ausência da sala de aula de outras formas. Tenho ido bastante, por exemplo.

ALMA SURF - Qual é a diferença entre o power do surf havaiano e dos beach breaks?

PIGMEU - Eu acho que é a experiência. O segredo é aprender a surfar ondas boas desde cedo. Assim, você vai poder surfar bem uma onda grande e pesada ou uma onda cheta e pequena. No Hawaii, os surfistas têm muita experiência. Por isso, eles encaram qualquer tipo de onda. Tem que ter experiência em onda grande, é isso que vai fazer a diferença.

Até onde você quer chegar na sua carreira?

Todo surfista quer ser o número um do mundo, fazer parte do WCT. Mas meu objetivo é ser feliz, conquistar todas essas coisas. Eu acho que não adianta ser um grande campeão, ter tudo isso e não ser feliz.

Quem são os seus ídolos?

Fábio Gouveia, Mark Occhipello, Gustavo Aguiar e Rodrigo Cahú.

O que é Deus e religião pra você?

Eu não consigo entender por que existem tantas religiões diferentes. Para mim, Deus é um só. É graças a ele que eu encontro forças pra superar as dificuldades da minha vida. O surf é uma arte que eu ainda não consigo explicar direito.

Você vê alguma ligação entre surf, skate, windsurf e snowboard?

Sem dúvida. A nova forma de julgamento da ASP está valorizando as manobras radicais, e isso tá levando a gente a arriscar mais. As manobras do surf estão muito parecidas com as desses outros esportes que você citou. Principalmente em relação ao skate. Só que as manobras num skate são mais fôceas do que numa prancha de surf. É que a onda está se movimentando o tempo todo. Muitos surfistas se inspiram nas manobras dos skatistas. Já vi o Kelly Slater tentando dar um aereo parecido com o que a galera dá na rampa. No windsurf, o que conta é a força do vento. De certa forma, o windsurf deve ser mais fácil do que o surf sobre uma prancha, o vento sempre ajuda. Acho que o surf deve ser o esporte mais difícil mesmo.

Que tipo de música você tem escutado? Quais são as suas bandas favoritas?

Gosto de todo tipo de música. Menos pagode e samba. Ultimamente, tenho escutado muito forró. Estou viciado. Também gosto do Djavan, do Caetano... Gosto muito de música brasileira. E escuto uns sons gringos como o Chili Peppers...

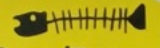
Quais são as pranchas do seu quiver?

Atualmente estou surfando com pranchas do Ricardo Martins. No dia-a-dia eu uso uma 5'10" ou uma 5'11", rebeta squash. Não entendo muito de prancha, só de surf.

Alguma mensagem para os leitores da Alma Surf?

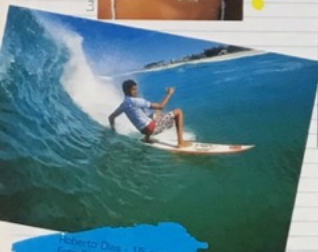
Eu desejo sorte para todos. E que a revista continue dando força para a nova geração.

Puro Surf



Luciano Diastro - 15 anos

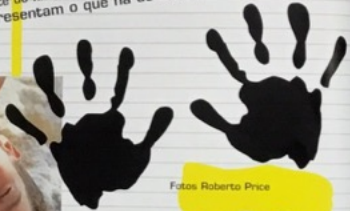
A molecada é parte importante da tribo do surf. Cada vez mais os garotos estão começando a surfar e o número de escolinhas não para de crescer no Brasil. Alma Surf foi beber na fonte e visitou dois mananciais de talentos no Rio de Janeiro (Escolinha do Rico e a Escolinha de Saquarema) pra saber quem são e o que pensam alguns dos mais jovens surfistas brasileiros. Independente do nível de surf de cada, esses surfistas representam o que há de mais puro no surf.



Roberto Dias - 19 anos
Foto Roberto Price



Jerônimo Vargas - 12 anos



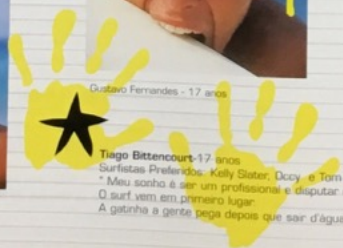
Fotos Roberto Price



Gustavo Fernandes - 17 anos

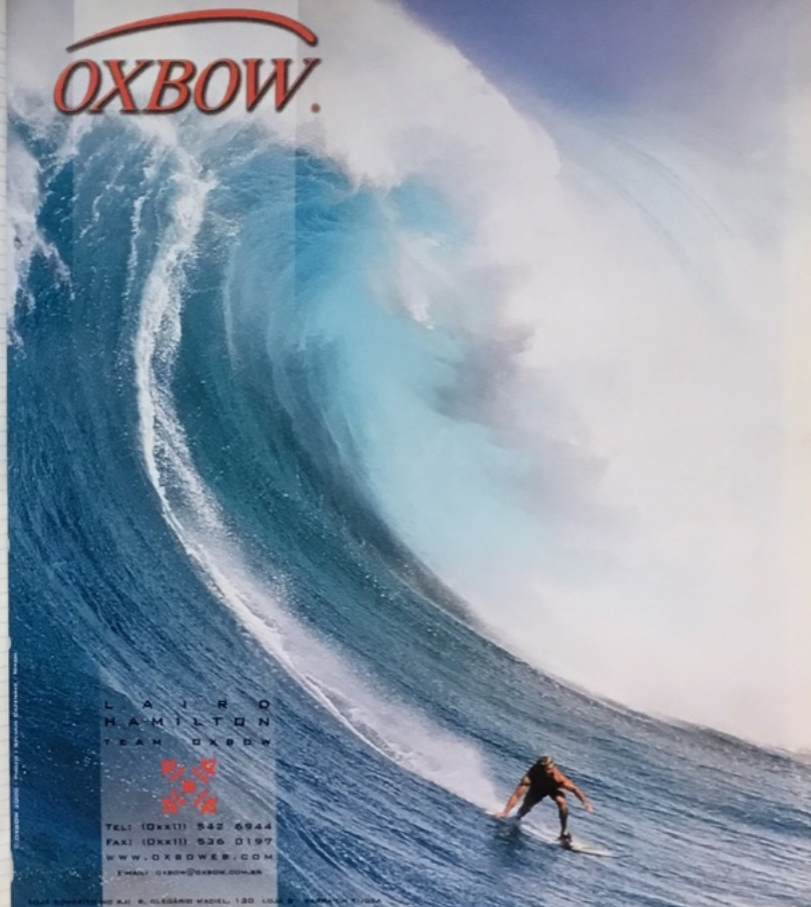


Jerônimo Costa - 11 anos



Tiago Bittencourt - 17 anos
Surfistas Preferidos: Kelly Slater, Doby, e Tom Curren
"Meu sonho é ser um profissional e disputar o WCJ!"
O surf vem em primeiro lugar.
A gatinha a gente pega depois que sair d'água."

OXBOW.



L A I R O
H A M I L T O N
T E A M O X B O W



TEL: (0xx11) 542 6944
FAX: (0xx11) 526 0197
WWW.OXBOWE.COM
EMAIL: OXBOW@OXBOW.COM.BR



Brenno Kaschner- 11 anos
 "Ainda estou aprendendo.
 Mas quando eu ficar fera quero voar sobre as ondas".



Tiago Silva- 13 anos
 Surfistas preferidos: Rob Machado e Tim Curran
 "Meu sonho é um dia conseguir compilar um aereo".
 "O pologio e o surf têm horarios diferentes. Procuro ser disciplinado para não prejudicar nenhum dos dois".



Gabriel Correa Canuto- 12 anos
 Surfista preferido: Kelly Slater
 "O surf é saúde, paz e amor".



Caulé Máximo- 9 anos
 Surfista preferido: Elton, o meu professor de surf.
 "Para mim, o surf é um luxo".

Luis Fabio Kohler- 11 anos
 "Os meus horarios são meio apertados. Para poder ir pra escolhinha de surf tenho que pegar um ônibus e amocar no meio do caminho. Faço qualquer sacrificio pelo surf".



Tatiana Moura- 16 anos
 Surfistas preferidos: Raoni Monteiro e Alexandra Vieira
 "Eu não preciso malhar na academia como faz a maioria das outras garotas.
 O surf é uma diversão que me ajuda a manter a forma".



Yuri Assis- 11 anos
 Surfista preferido: Kelly Slater
 "Meu sonho é ser um grande surfista como o Kelly Slater".



Diego Silva- 9 anos
 Surfistas preferidos: Kelly Slater, Rob Machado e Tim Curran
 Manobra predileta: Abre e tubo.
 "O surf é um esporte que me coloca em contato com a natureza, não é violento e ainda me ajuda a conhecer novos amigos".



Carla Castro- 12 anos
 Surfistas preferidos: Kelly Slater e Victor Ribas
 "As ondas têm prioridade. Os gatinhos vêm e vão, mas o surf nunca vai embora. Ele é mais fei".



Frederico Leite- 8 anos
 Surfistas preferidos: Meu pai, Kelly Slater e meu irmão Leo Leite.
 "O surf é a melhor maneira que encontrei pra gastar energia e me divertir".



Hugo Bstencourt - 11 anos
 Foto: Beto Paes Leme



Luiz Felipe- 4 anos
 Surfista preferido: O Nena, meu professor de surf.
 "Pratico surf, skate e também pedalo, mas o surf é o meu esporte favorito".

Leandro Bastos- 15 anos
 Surfista preferido: Kelly Slater
 "O tubo é a melhor manobra do surf".
 "Até 8 pés dá pra encarar".
 Melhor que isso... fica esquisito".



QUIKSILVER 

The Boardriding Company®

quiksilver-br@uol.com.br



PUERTO ESCONDIDO MEXICO



Por trás da hospitalidade e do tubo mais oco da América Latina, Puerto Escondido guarda o segredo da garota sequestrada por piratas que desapareceu sem deixar vestígios. Josefa, "la escondida", teria inspirado o nome do beach break mais famoso do mundo

Por Sylvia Mancusi

Fotos Beto Paes Leme



Ao lado, Beto dos Matineiros muitas décadas antes do primeiro surfista se sentar em Puerto Escondido. Na página ao lado, o detalhe mostra o foto-retrato da tia Maria e dona Isobel, que fizeram o bandeira do descobrimento em Zicatela



PUERTO ESCONDIDO
MEXICO

No caminho para La Punta fica o "bar bar". A esquerda mais pesada de Puerto solta bofalaras...



A correnteza dá uma apimentada nesta onda

PUERTO ESCONDIDO MEXICO

Puerto Escondido, localizado a uma hora de voo da Cidade do México, é o sonho pra qualquer tube rider do planeta. Entra década, sai milênio e as onda ocas do beach break

continuam atraindo surfistas de todas as partes do mundo. Havaianos, californianos, franceses, argentinos italianos, brasileiros... qualquer iniciado sobre uma prancha que se preze tem que ter um carimbo mexicano no passaporte e uma prancha estراçalhada ao meio em Zicatela. O surf em Puerto quebra o ano todo, mas é durante os meses de maio e setembro que os swells são mais constantes. Nessa época, as ondas podem bater na bancada de areia com até 15 pés e ainda com ótima formação, exigindo base, pulmão limpo e concentração. O custo de uma temporada em Puerto não é alto. Para os brasileiros é uma trip só mais cara que o Peru. Com a passagem e mais 500 dólares no bolso, qualquer um pode se manter um mês a poucos metros do pico. Os melhores hotéis ainda são o Santa Fé, o Arco-Iris, o Bungalows Zicatela, Aquarius e o Rockaway, todos localizados em frente ao surf. As diárias variam de 8 e 25 dólares.



As melhores direitas costumam quebrar na cara do Hotel Arco-Iris. Cristiano tava lá

PUEBLO CUICUILTLI
MEXICO



Uma esquerda longa e amiga. Assim é La Punta, no canto esquerdo de Zicatela





O clima em Puerto é quente o ano todo e o vento terral, invariavelmente, sopra durante toda a manhã. No entanto, todos os dias por volta das 11h da manhã o maral ent e a força a galera a se reabastecer para um não tão raro final de tarde na Fun u,

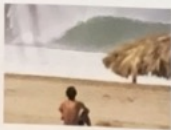
esquerdona longa que vem lambendo as pedras no canto esquerdo da praia. Os tubos já renderam a Puerto o sugestivo apelido de Mexican Pipeline. Um treino imperdível para quem pretende ganhar know how pra surfar Pipeline e Backdoor no Hawaii.

O SEGREDO DE LA ESCONDIDA

DONA LOMELI E TIA MARIA FUNDARAM PUERTO ESCONDIDO por Adriana Chaves

Não é de hoje que o mar merece um capítulo especial na história de Puerto Escondido. A baía paradisíaca dos Marineros, vizinha ao beach break, foi responsável pela ocupação do pueblo fundado oficialmente em 1928. O lugar, que hoje é a passagem obrigatória de todo tube rider, teve as águas tranquilas usadas pra escoamento do café durante boa parte dos anos 30. A inspiração para o nome veio de uma linda jovem que desapareceu naquelas águas do Pacífico. Segundo a lenda da região, a moça foi sequestrada no povoado vizinho de Huatulco pelo temido pirata Andrés Drapee e seu irmão, o capitão Francis Drake. Os valentes aproveitavam as inediações pra descansar e tomar de assalto as embarcações espanholas que passavam por lá. A garota conhecida como Josefita teria conseguido escapar do cativeiro do capitão nadando pra se esconder nos canoas que cercavam o território dos piratas. Foi a última vez que se teve notícia dela. Ninguém nunca soube se ela se afogou ou se realmente conseguiu alcançar terra firme. Josefita passou a ser conhecida como "la escondida". Em pouco tempo, todas se referiam ao local como Bahía de la Escondida, que depois se transformou em Puerto Escondido. Mas a história de Puerto ultrapassa o folclore. A falta de água potável foi um dos principais motivos pra explicar a demora na ocupação do porto, já que o rio Colotepec fica a cerca de 5 km de distância. Os primeiros moradores chegaram ali por meio do caminho de comunicação com povoados próximos como Salina Cruz e Puerto Ángel, sempre em busca de uma fonte de água doce. Don Nazario Castellanos e dona Escolástica Valencia foram os pioneiros. Eles não só se instalaram lá como deram início à produção do cafézal, atraiendo também muita mão de obra. Mas as fundadoras da terra são dona Paulina Lomeli e a tia Maria. Foram elas que fixaram a bandeira e estimularam o comércio vindo do oceano, assim como a construção do campo de aviação, da igreja, da escola e o tão desejado poço com água doce.

Silveira, autor da reportagem, entocado no salão mais amplo da América Latina



PUERTO ESCONDIDO
MEXICO

Informações estreadas do livro História de Oaxaca

Os primeiros mexicanos passaram por Puerto atrás de água doce.

Mal sabiam que os tubos salgados

é que matariam a sede de surfistas como Ruben Pifa



Puerto Escondido
MEXICO

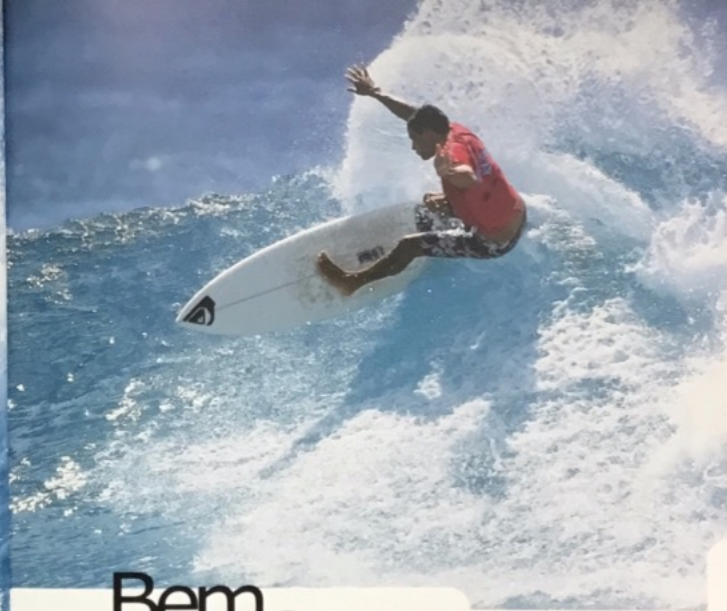
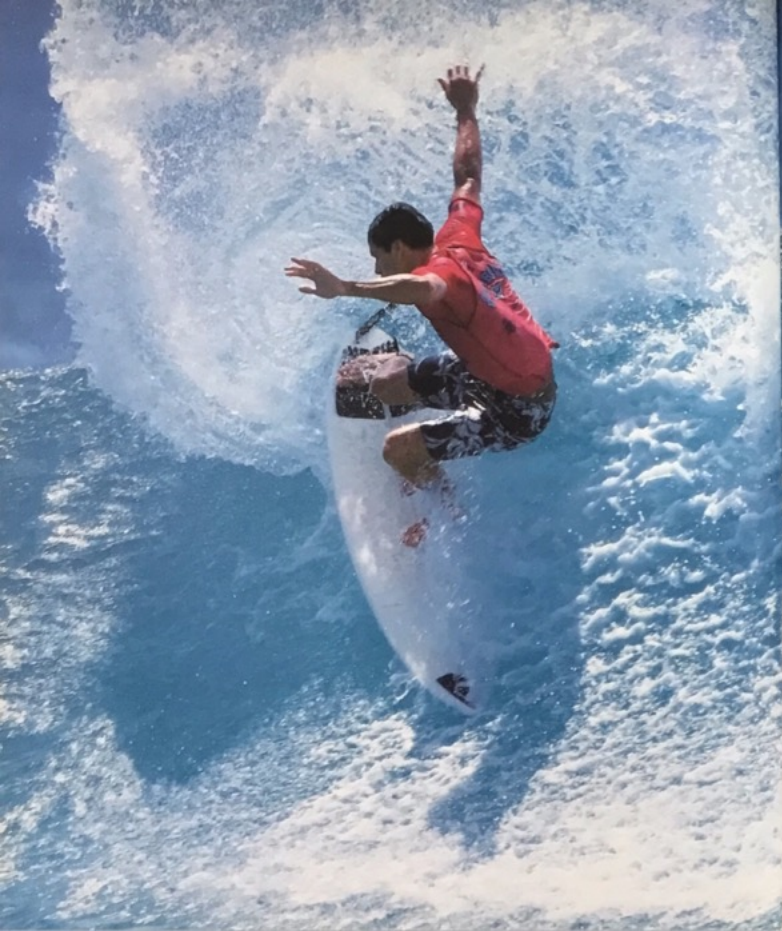


...still crazy after all these years...

Lightning Bolt

www.lightningbolt.com.br

Tel.:(0xx11) 30495089 / Fax 30424212

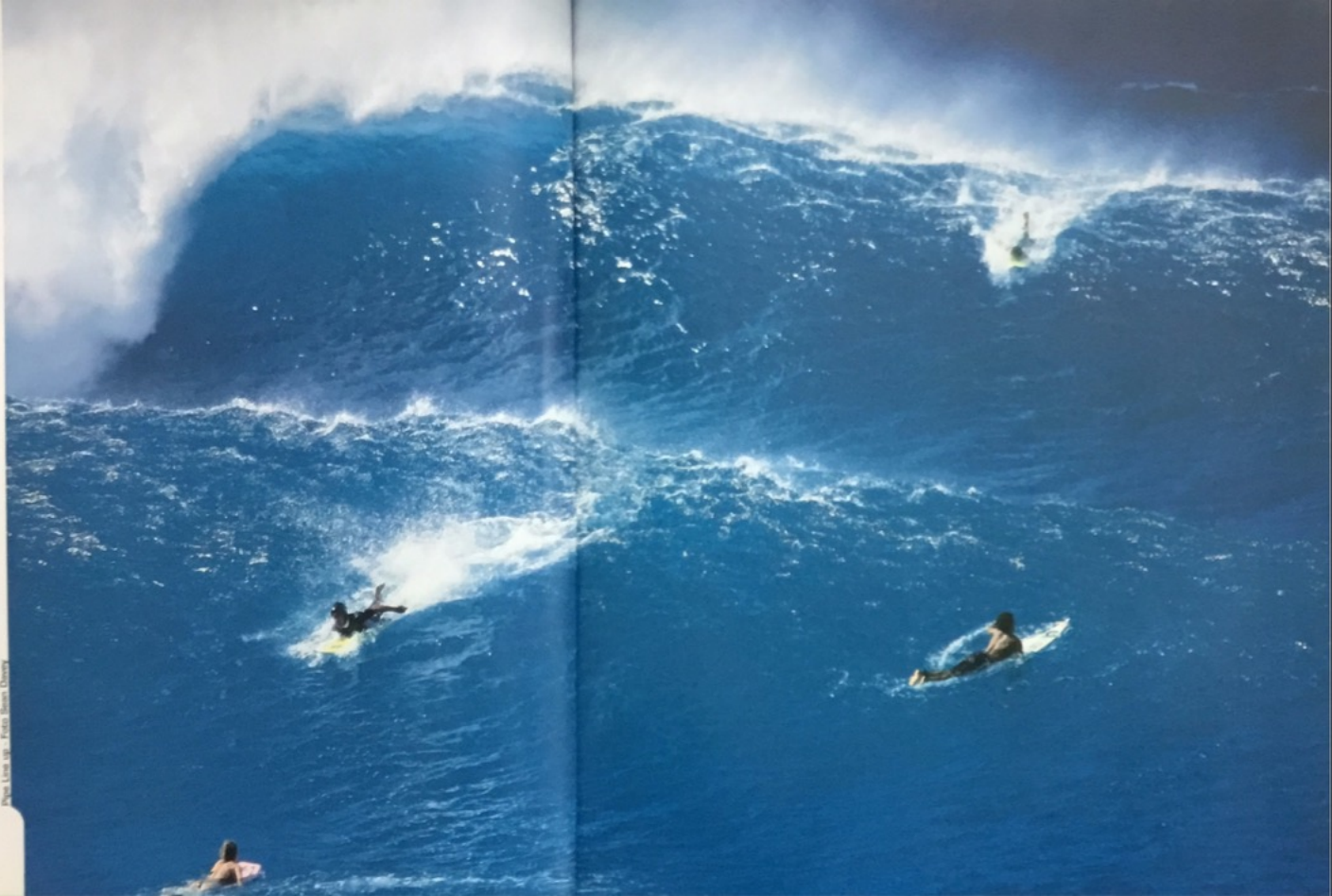


Wally Pfister; Blahutong Pro Kirra - Foto Peter Fraden

Bem na foto

É sobre **manobras incríveis**, luz e ângulos perfeitos que dedicamos as **10 páginas seguintes**. Sem isso, a gente não ia estar aqui jogando conversa fora



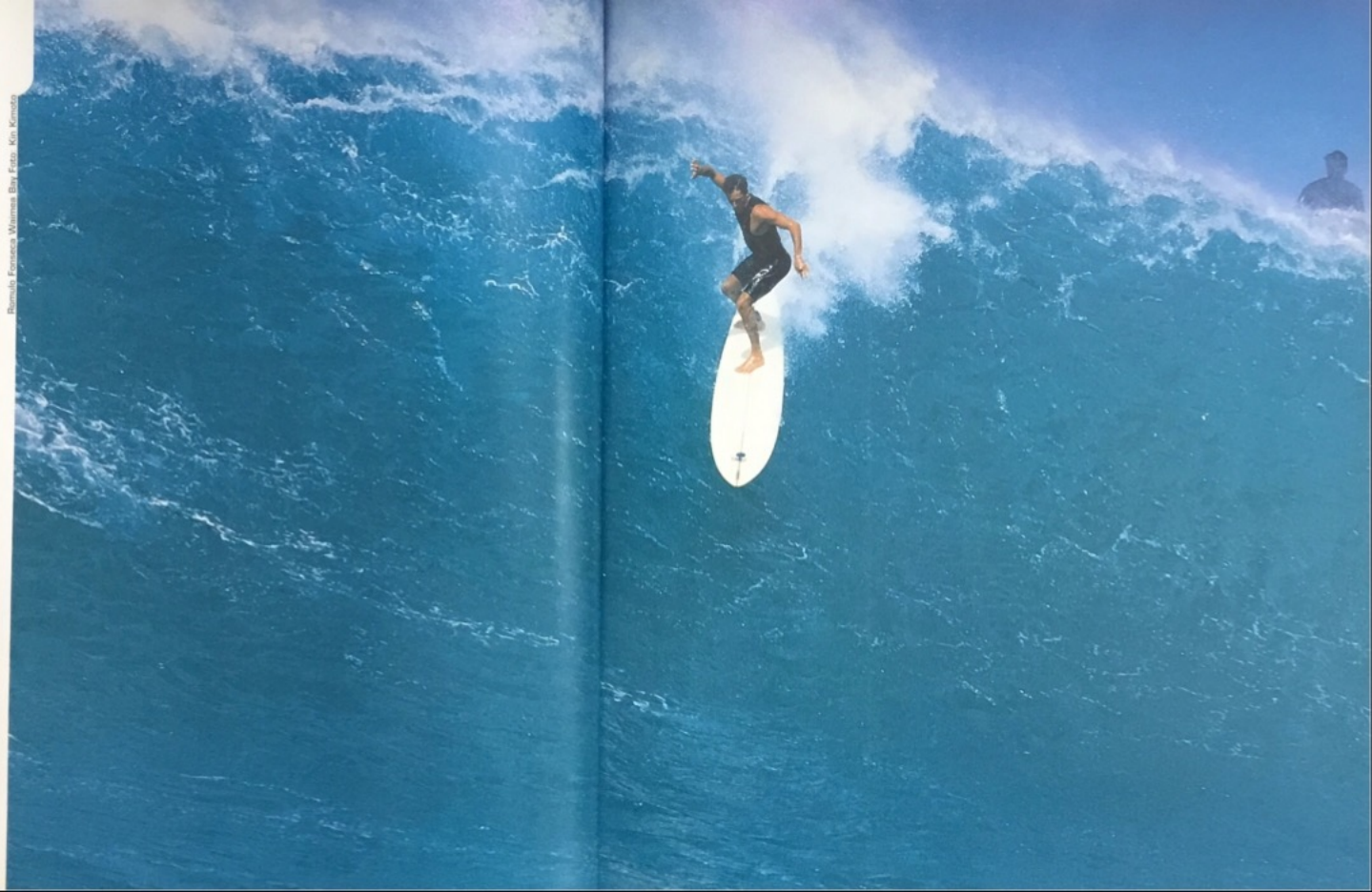




© 2004 The Travel Channel

06/04-000





Brian Young - Foto Tim Mickens



Renato Galvão Tadeu Pereira Heitor Pereira Tiago Bianchini
Jessé Mendes Pedro Henrique Diego Santos Marcelo Trekinho Binho Nunes



Hawaiian Dreams

Só a Hawaiian Dreams é capaz de atender as expectativas de um time com personalidades e estilos tão variados... [junte-se a nós](#)

2000-01



O GATO DA BANHEIRA

O que você faria se o telefone tocasse e uma voz doce e disfarçada te chamasse pra dançar o tchan e participar da banheira do Gugu? O que você responderia se a mesma voz feminina e sensual te convidasse pra sair na G Magazine? Leia a seguir os melhores momentos do trote que Alma Surf passou no Picuruta

por Patrícia Barros

Alô, por favor o Picuruta está?
É ele.

O Picuruta? Aqui é a Patrícia. Eu sou produtora do programa Domingo Legal do SBT. Você conhece o Canheco.

Nós vamos fazer um programa especial com esportistas. E você foi escolhido pra representar o surf. Você participaria do programa? Quem que me indicou?

Eu pesquisei algumas revistas e você me pareceu o mais indicado para representar o surf. Entre outras coisas por todos os campeonatos que você já ganhou... eu li que para o seu patrocinador e eles me deram o seu telefone. O que você acha?
Pra qual patrocinador você ligou?

Para a De Hu.
Com quem você falou lá?

Com a Tatiana, do marketing.
Você tem que ver mais ou menos quando vai ser, porque a gente está num ritmo de competição intenso e tem campeonato direto. Sábado e domingo também. Mas quando seria?

Isso nós vamos agendar depois. Agora eu só queria saber a sua opinião. Na realidade, eu não vou te dizer sim ou não. Eu viço direto, tenho vários campeonatos, e aí fica difícil eu marcar com você. Você tem que ligar para a De Hu porque é lá que eles fazem a minha agenda. Qual seria o objetivo da matéria?

Na verdade, não seria uma matéria. Nós sempre convidamos algumas pessoas, artistas, cantores, atletas... E nós gostaríamos que você participasse do quadro da Banheira do Gugu. É aquela brincadeira de pegar sabonete. Você entra na banheira com uma representante do bodyboard, que seria a Joana Prado, a Feticheira.
(Risos) Ela anda de bodyboard? Eu não sabia.

Acnda sim. E você pegaria o sabonete com ela. Eu ligo para o seu patrocinador, para quem você quiser, mas primeiro eu gostaria de saber a sua opinião.

Por nem tudo bem. Não tem problema nenhum. Mas não depende de mim, depende das minhas competições. Eu não posso prometer nada pra você...

E posso te explicar como é o programa...
Eu já assisti várias vezes.

Depois dos banheiros, vocês vão participar de uma gincana com os outros convidados. Você sabe dançar o tchan?
Não.

Boquinha de gincana?
Você quer graça, né? E para te dizer a verdade, eu não tenho muito interesse nessas coisas, não!

Você não quer dançar o tchan?
Tu tá maluca?

Você já fez algum trabalho como modelo?
Não. Meu negócio é pegar ondo.

Geralmente, depois que os convidados participam do programa eles recebem propostas para outros trabalhos.
Não. Eu não me ligo nessas coisas. O meu negócio é outro. A minha vida inteira eu peguei ondo, tenho outros projetos, faço despoliação das praias com a De Hu e não tenho tempo nem para mim, quanto mais para fazer essas coisas. Eu não gosto de me comprometer com o que eu não vou cumprir. Tem tantos caras por aí com tempo livre...

Mas nós gostaríamos que fosse você.
Por tudo o que você representa para o surf.
Mas não sou só eu, né? Tem muitas pessoas que representam o surf.

Mas eu gosto de você. Te achei muito lindo...
O meu problema é tempo. Tem competição atrás de competição.

E se você só fizesse o quadro da banheira rapidinho, nem participasse da gincana? Desi você não precisaria dançar o tchan.
(Risos.) Eu? Dançando o tchan? Quem sou eu?
Você não pode estar falando sério!

Eu gostaria que você participasse... Para unir o útil ao agradável. Você é muito importante para o surf brasileiro.
Além de ser um homem muito bonito.
Eu? Bonito? Tem tanto cara bonito por aí e você quer pegar logo eu?

Eu vi a sua foto na revista e te achei lindo.
Eu vou mandar meu filho me representar.

Não. Tem que ser você! Outra coisa, nós temos um acordo com uma revista feminina e eles gostariam bastante de você também.
Não sei se você conhece a revista G Magazine?
Oih... tá vendo? Você quer que eu dance o tchan, que saia pelado na revista... Não! Este não é o meu esquema. A minha praia é outro.

Mas o cachê da G Magazine é bem alto.
Você não poderia me por uma grana legal?
Eu não sou nenhum cara rico, mas dinheiro não é tudo na vida. Se dinheiro resolvesse os nossos problemas...

Você não se garante? E isso?
Me garante com a minha mulher. Eu não tenho que provar nada pra ninguém. O que eu te tinha que provar já provei. Escorei um furo, plantei uma árvore, fiz três filhos. Falar, todo mundo fala, né? Mas quero ver e fazer. Eu já fiz.

Mas o Vampeta possui pelado e ele também é um atleta, um jogador de futebol.
Eu sei, mas não é o meu caso.

Você não acha que isso é preconceito?
Você não gosta de dar uma olhadinha na Playboy?
Eu não tenho preconceito nenhum.
Mas existem pessoas que querem e pessoas que não querem.

Você lê a G Magazine?
Não tenho modo pra comprar essa revista.
Não é revista para homem.

Mas tem homem que lê!
Tem homem que lê, mas não é o tipo de homem que eu sou. Você lê?

Até agora não sei nenhum homem interessante, mas se você possuir eu compraria. Com certeza.
Ta vendo? Você enrola, enrola, fala que lê e depois diz que não lê...

Eu não gosto do Vampeta, não acho ele bonito.
Então quer dizer que até agora ninguém te agradou?

Ninguém. Mas se você sair, eu compro a revista.
Eu adorna te ver pelado.
Engracado, hein? Tô achando engracado essa conversa... Vê se pode?

Por que?
Fica difícil, né? É estranho.

Mas é que eu vi uma foto sua e gostei. Às vezes eu sou muito sincera, me desculpa. Mas é a banheira? Você fala?
Eu não tenho tempo.

Você não conseguiria um espaço na sua agenda?
Isso aí você tem que falar direto com a De Hu. Eu sou funcionário deles e por isso tem que tratar primeiro com eles.

E se a De Hu falar que tudo bem?
Aí, eles vão ter que me ligar para ver a data que eu posso.

Eu não gosto de passar por cima das pessoas. Não gostaria de passar por cima de você e ir falar direto com o seu patrocinador.
As pessoas que você convide para o programa não têm empresário?

Tem. Mas eu gosto de consultar primeiro os nossos convidados. Depois eu falo com o empresário.
Você tem vontade de participar do programa ou não?
Na verdade, eu já te dei a minha resposta.
Eu só faria se o meu patrocinador pedisse.

E se a De Hu quiser que você saia na G Magazine?
Pra eles não tem nada a ver eu sair pelado na revista. Os caras da De Hu querem me ver vestindo a roupa deles, não passando pelado. Como é que eu vou dar retorno sem roupa?

E se você aparecesse só de costas?
Você não tá falando sério, né?

Então, posso falar com o seu patrocinador?
Fale com o Lincoln, o proprietário da De Hu. Tá, você perguntar para ele se eu posso sair pelado... De bunda, de frente, como você quiser!

E se ele disser que sim. Você posa?
Bem, isso a gente vê depois. Fala com ele primeiro.
Tá bem, então. Um beijo. Tchau
Tchau.



Já imaginou?



Um tesão de verão







Fotografia Paulo Valner

Assistentes de fotografia Thomas Schlidt e Ivan Shupikov

Direção de arte Fernando Mesquita

Make up and hair Regina Endres

Produção de moda Regina Endres e Patricia Barros

Modelos Marina Sanvicente/ Ford Models e Vergniaud/ Next

Foto 1 - Marina, top Sexy Machine, shorts Maresia, sandália Reef,
óculos Dragon, prancha Wagon, shape Neco Carbone.

Foto 2 - Vergniaud camisa Bad Boy, calça 775,
prancha Wagon, shape Neco Carbone, óculos Oakley.

Foto 3 - Vergniaud, camiseta regata Lightning Bolt, óculos Oakley.
Marina, camiseta Natural Art, óculos Oakley.

Foto 4 - Marina, camiseta 775, calcinha Sexy Machine.

Foto 5 - Vergniaud, lycra e bermuda MCD, prancha Rip Wave,
shape Beto Loureiro, cedida pela Star Point.

Foto 6 - Vergniaud, bermuda MCD, camisa 775, óculos Oakley,
skate Sector Nine cedido pela Star Point.

Foto 7 - Marina, lycra Billabong, óculos Oakley, chiclete Bubaloo.

Foto 8 - Marina, camiseta e viseira 775, shorts Sexy Machine.





SURF NO BUSÃO

Eles descobriram uma forma de transporte econômica e radical. Chulé, China, Teta, Palito, Social, Lua, Fedô, Adidas, Tiririca, Mixirica, Zona Leste, Chucruti e Loura são apenas alguns dos nomes que desafiam o asfalto e a PM de São Paulo todos os dias após o trabalho. Eles não usam parafina nem strap, e curtem sons que vão do funk ao rap

Por Marcelo Spina
Fotos Roberto Wagner



Eles se denominam os Pit Bulls da 9 de Julho, os Gog da Paulista e os Loucos do Bexiga. Do centro de São Paulo, eles vão invadindo os ônibus coletivos ou caminhando pelas ruas dos Jardins até chegar ao ponto de partida numa das principais avenidas da cidade. São pelo menos 50 jovens que se reúnem ao lado de uma banca de frutas. Lá é o point do busão. Quem sai mais cedo do trabalho espera. Alguns, como o Zona Leste, desviam da sua rota para não perder o agito. São seis horas da tarde e esta formada uma muvuca eletrizante. Na arriscada brincadeira da galera vale tudo. Subir na capota. Não subir. Ficar dependurado na porta. Impedir a entrada de estranhos. Cantar, gritar, bater na latania do busão. Tudo o que puder zoar o final de mais um dia de trampo. Mas a adrenalina máxima é sentir o vento na cara. Como no surf nas ondas, tem que começar deitado. Mas não precisa remar. O pé do motorista no acelerador e as mãos na direção é que definem o grau de dificuldade da aventura. Depois, os

joelhos vão acostumando e ficar menos duros que os amortecedores do busão. Com as pernas afastadas e braços abertos, conseguir ficar em pé é o que consideram a primeira glória. Como diz um colega, "o bagulho é doido." O busão da linha 6403 equivale a uma longboard. É um daqueles articulados com uns 20 metros de comprimento por 3 de altura. Ele deixa o engarrafamento pra trás e segue pela pista interna da Marginal de Pinheiros a 60, 70 km/h. É aí que a emoção pega forte. O surfista não pode vacilar. Tem que se abaixar quando os viadutos e fios se aproximam. Tem que manter o equilíbrio perfeito nas curvas e nas freadas. "Uns motoristas gostam de ferrar a galera", diz um deles. Valdir Garcia, 38, trabalha como chofer na linha 6403 desde que ela começou a operar há 3 anos. Ele pode ser

considerado um piloto profissional de surfista. "Já levei uns 20 de uma vez só na capota", conta, lembrando que viu 2 deles despencando. Já enfrentou surfista com facão, tomou porrada, levou uns pra delegacia, mas hoje sua filosofia é outra. "Prefiro ser amigo deles, pelo menos não destroem o meu ônibus", diz. "O máximo que posso fazer é aconselhar." Rolam manobras radicais. O surfista Sorriso é veterano. Pra comemorar o nascimento do primeiro filho, ele planta bananeira na capota. A euforia é ainda maior quando os surfistas sabem que estão na mira do helicóptero Águia Dourada, da TV Record. Um outro desafio dos surfistas é desviar das pedras que vêm das favelas por onde passa o 6403. "Marta vai ganhar, Marta vai ganhar", grita a galera ao avistar uma Kombi de correligionários do PT, poucos dias antes do segundo turno das eleições. Qual seria a plataforma da candidata paulistana que



"o bagulho é doido. O busão da linha 6403 equivale a uma longboard"

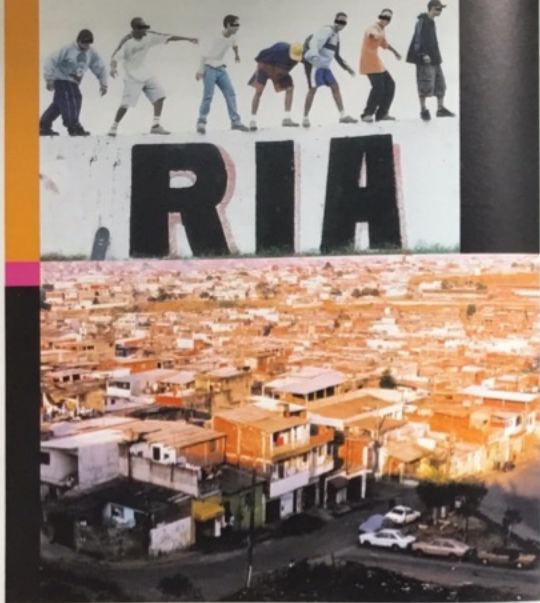




"Prefiro ser amigo deles, pelo menos não destroem o meu ônibus"



motiva os surfistas? "Se ela vai liberar a maconha e o casamento de viado, acho que vai liberar também o surf no busão", explica o Neguinho. Nani é namorada do surfista Social. Ela tem 16 anos, trabalha na lanchonete Bob's da Avenida Ipiranga e há quatro meses frequenta o point do 6403. "Todo dia é assim: fico louca pra dar 5 horas e ir encontrar a galera". Ela já surfou uma vez, mas achou muito perigoso. "É loucura, mas nem falo nada pro Social. Nilo ia adentar". Social concorda: "Ela já me conheceu surfando, certo?" A adrenalina faz a viagem demorar menos. Isso se não houver blitz da polícia. Neste caso, como aconteceu no curso desta reportagem, o desvio pode custar caro. Mãos dos surfistas no capô, as do PM no nosso saco. É a Operação Surfista. Uns 15 pra dentro das viaturas e.... Esta é a sua 89 FM, digo DP..... Ouvimos durante uma noite e uma manhã seguidas, em clima de catifeiro, o som cansativo da BSo Delegacia de Polícia. Foram longos depoimentos. Primeiro, o motorista e os fiscais da empresa de ônibus. Depois, um policial militar que se gaba de já ter prendido muito surfista. A delegada reclama que por nossa causa tem que estender o plantão. Algumas mães juram que os filhos não seriam capazes de fazer mal a ninguém. "Às vezes a polícia entra no busão e pega uns nerds vacilão que não tem nada a ver com a bagunça", conta o surfista Social. Acidentes acontecem com a mesma frequência que as batidas policiais. Tem surfista até no cemitério São Luiz. Dois meses atrás, o negão Chucruti caiu de cima do busão e foi parar no hospital: dois braços quebrados. Mas quem disse que ele desistiu do surf? "Se neguinho se machuca na água vai deixar de surfar?" Quem vê essa moçada na capota do ônibus pensa na superlotação. Mas não é bem assim, garante Chulé, um dos surfistas mais respeitados do pedaco e que se orgulha de ter sido o primeiro do grupo a ir em cana. "Não interessa se o busão tá cheio ou vazio, nós vamos pra cima." O surf rodoviário pode receber as mais diversas definições: delinquência, esporte, estilo de vida. O que ficou claro é que não vale pagar a passagem. Na carteirainha de associado dos GOG está o mandamento: "É expressamente proibido entrar pela porta da frente." Considerando que cada cidadão pega pelo menos duas conduções por dia pra ir e voltar do trabalho, em um mês dá pra economizar quase meio salário mínimo. Na versão dos praticantes, o surf no busão é uma forma de combater o stress. "A gente não tem dinheiro pra sair, mas a gente se diverte com a adrenalina", diz um deles. O começo de tudo isso, no entanto, teve a ver com superlotação. Eles contam que durante a Copa de 94 os ônibus andavam tão cheios antes dos jogos, que os motoristas nem abriam mais a porta. Inconformados, passaram a invadir os coletivos. Assim surgiu o SAB (Sindicato dos Arrombadores de Busão), que cresceu, ganhou força, desenvolveu novas modalidades



e gerou os três grupos que hoje formam a união PitGogLoucos. A exemplo do surf tradicional, a galera também quer que esse nome vire grife. Até já encomendaram as primeiras camisetas. O fim desta louca aventura é o Terminal João Dias, na Zona Sul, região mais violenta de São Paulo, fê mignon do espreme-sai-sangue Notícias Populares. Pouco antes de chegar, uma viatura da Rota emparelha com o busão. Um policial mostra a arma e a galera entra. "Polícia pra que se a vida é nossa?", estraveja o Carioca. Ele mostra a enorme cicatriz no braço direito que ganhou numa queda no asfalto meses atrás. "Se a gente cai do busão, a gente nem acusa a empresa." E hora da despedida com rápidos toques de palma, dedos e punho. Alguns têm que pegar outras conduções. Outros seguem a pé pra casa. Será uma longa noite e mais um dia de trabalho até chegar ao esperado momento de se encontrarem novamente no point do busão



Tem surfista até no cemitério São Luiz



O GRITO DE GUERRA DOS SURFISTAS

"Não tenho medo de morrer:
Surfo no teto pra valer.
Pois eu amo essa equipe.
O nome dela eu vou dizer
Pit, Pit, Gog, Gog, Loucos, Loucos,
Cumé qui é, cumé qui é?
Pit, Pit, Gog, Gog, Loucos, Loucos..."

Algumas manobras dos surfistas do asfalto

Equilíbrio: simplesmente ficar em pé no teto do busão. É a essência do surf rodoviário.
Dança do Surf: o lance é dançar na capota.
O estilo é livre. O que mais rola é rap e break.
Bandeira: o cara se dependura pra fora do busão agarrando-se na barra da porta. Quando chega a curva, o doído fica tremulando no ar.
Surf de Escotilha: o cara arranca a escotilha do busão e joga ela no asfalto. Segurando na barra da porta, o desafio é conseguir esquivar em cima dela.

O SURF DO BUSÃO

A galera formou um grupo de rap, o Noticiário de Rua. Já está composta a música Surf do Busão. O grupo é formado pelo MC Canoca, Social no vocal e pelo DJ Indê. Essa é a letra do rap:

Massa doidera tá na hora de agitar
com o rap do surfista que acaba de chegar
Com uma galera louca que só pensa em brincar
No teto ou no chão a gente só pensa em zoar
Mas zoa numa boa pra ninguém se machucar
Mas tem os guarda trânsito que só pensa em brigar
Brigar para que se isso não lhe leva a nada?
Se você bater em um a gente vem e lhe dá porrada
Agora é pra você surfista sangue bom
Quando estiver no teto preste muita atenção
Porque os motorista tão botando para quebrar
E se não tiver ligado na curva tu vai ficar
Vamos acordar e parar para pensar
Com aqueles bico oitão que no fundo quer entrar
Quando a polícia chega só pensa em caguetar
Depois fica quietinho para uns tapa não tomar
É assim que é e agora eu quero ver
O refrão eu deixo é para você
Só dá a gente, só dá a gente
Todo mundo tenta
Mas só dá a gente
Assim é que é
Essa é a diferença para você escolher ou morrer;
certo sangue bom
Consciência é o que importa. Sóóó.



"Se neguinho se machuca na água vai deixar de surfar?"



OS SURFISTAS

CARIÓCA

Equipe de surf: Loucos do Busão
Idade: 22
Natural: Ilheus, Bahia
Profissão: auxiliar de manutenção na Fiebern do Tatuapé
Salário: R\$ 1.050
Som: Racionais
Bebida: Kaiser
O que quer da vida: gravar um CD de rap e funk melody
Algo mais: todo mês manda uns trocos pra Bahia e já tem 36 cabeças de gado
A frase: "Subo no busão pra lavar a alma. Não é fácil não."



CHILÉ

Equipe de surf: Pit Bulls
Idade: 18
Natural: São Paulo
Profissão: auxiliar de contabilidade
Salário: R\$ 300
Som: Racionais
Bebida: Old Eight
O que quer da vida: comprar uma Honda 750
Algo mais: foi preso por surfar no dia 8 de setembro e culpa o Datena, da TV Record, por isso.
A frase: "Se o Peterson Rosa vier surfar no busão, o mínimo que vai acontecer com ele é hospital. O máximo é 7 palmos abaixo."



FRAJOLA

Equipe de surf: GOG (Garantia de Ônibus Grátis)
Idade: 17
Natural: São Paulo
Profissão: office-boy
Salário: R\$ 300
Som: Bezerra da Silva
Bebida: Kaiser
O que quer da vida: ser advogado criminalista "pra soltar os mancos"
Algo mais: caiu do busão há 5 meses enquanto dançava acima da cabeça do motorista.
Quebrou o braço direito. Uma semana depois já estava novamente no teto.
A frase: "Não gosto nada em condução, mas a melhor parte é estar lá em cima."





É UM PESADELO

A empresa Campo Belo, dona de uma frota de 222 ônibus, incluindo os que fazem a linha 6403, informou que o vandalismo dos surfistas causa um prejuízo que chega a 90 mil reais por mês. São peças danificadas, mão de obra, os dias dos carros parados e as passagens que não são pagas. "Só de agosto para cá tivemos 77 ônibus danificados", reclama João Saraiva, proprietário da empresa, atribuindo o problema à falta de policiamento. "É um pesadelo".

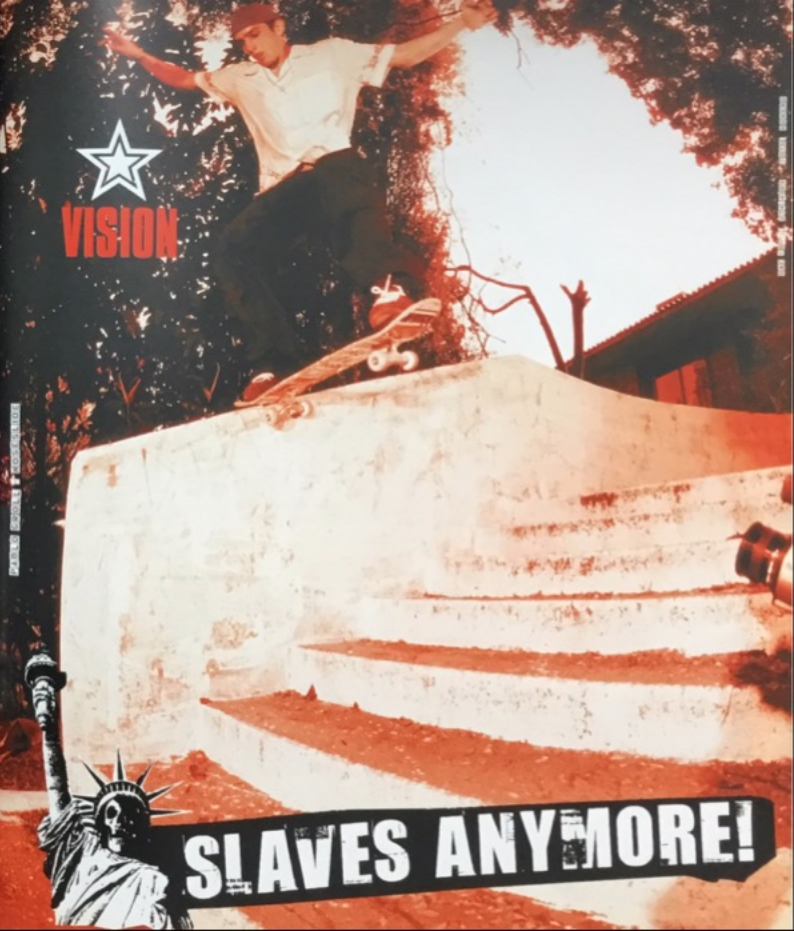
O PROBLEMA É GRANA

A psicóloga Rosely Sayão acredita que a questão do surf no busão é social e não policial. Para ela, a diferença entre um surfista que desafia a morte em ondas de 30 pés no Hawaii e os surfistas rodoviários é estritamente econômica. "São jovens que têm poucas perspectivas de vida e buscam o reconhecimento", conclui.

"A gente não tem dinheiro pra sair, mas se diverte com a adrena na capota do busão"

UM INSTANTE DE GLÓRIA

De acordo com o tenente coronel Rezende, do 3º Batalhão de Polícia de Trânsito, os surfistas são adolescentes ávidos por um instante de glória, que acreditam estar praticando um esporte radical. O coronel ainda disse que o trabalho da PM é preventivo e ostensivo, e os surfistas pegos em flagrante podem responder penalmente por dificultarem o transporte coletivo, por danos qualificados, por colocarem em perigo a vida de terceiros e formação de quadrilha. Desde o início da operação, a PM já colocou a mão em cerca de 50 arruaçeiros que respondem na justiça.



SLAVES ANYMORE!

REZENDE REZENDE / FOLHAFLEX

DOSSIER / FOLHAFLEX



Alfio Foto arquivo pessoal

Por Rosaldo Cevalcanti

SALGANDO A CARCAÇA COM + D40

Alma Surf reuniu 4 quarentões que nortearam suas vidas no mar, de pé numa prancha.

Nas próximas linhas, você fica sabendo o que eles pensam e como encaram o surf daqui pra frente

Fotos Cicero Lehman



Nome: Carlos Mota
Idade: 48 anos
Tempo de surf: 33 anos
Profissão: Arquiteto e designer de móveis. Começou a surfar no Guarujá. Hoje em dia, gosta de dar umas escapadas para relaxar no litoral norte de São Paulo. "Adoro surfar com os meus amigos."



Nome: Ademar "Deminha" Freitas
Idade: 39 anos
Tempo de surf: "Tenho mais ou menos uns 28 anos de surf."
Profissão: Joalheiro. Procura surfar todo fim-de-semana. "Graças ao surf conheci lugares e pessoas interessantes."



Nome: Alfio Lagnado
Idade: 39 anos
Tempo de surf: 26 anos
Profissão: Industrial. Surfa nos finais-de-semana e nas férias. "Para mim, o surf não tem idade."



Nome: Ronaldo "Micro" Blumenthal
Idade: 42 anos
Tempo de surf: 30 anos
Profissão: Engenheiro agrônomo. "O surf preenche a minha alma."

"Micro" Foto arquivo pessoal



8/2/20

40

+



Deminha Fotos arquivo pessoal



Alma Surf: Qual a importância do surf na sua vida?
Carlos - Total. O surf é uma coisa completamente incorporada à minha vida.
Ronaldo - Um util ao agradável. Sou engenheiro agrônomo, mas conheço o Brasil correndo atrás das ondas. O surf me mostrou as coisas boas da vida.

O que é o surf para você?
Carlos - Muito mais do que apenas um esporte. Para mim, acaba sendo uma atitude, um estilo de vida. A maneira que eu me visto, as bermudas, os sapatos, o tênis, a sandália havaiana, as minhas camiseta de surf, a alimentação natural. Os valores que agreguei na minha vida. Tudo veio com o surf.
Dema - Para mim, é um estilo de vida. Sou engenheiro químico, mas nunca trabalhei nesta área. Sempre procurei fazer coisas que me aproximassem do surf. Graças ao surf, pude conhecer o mundo inteiro e uma porção de gente diferente.
Alfo - É difícil expressar este sentimento em palavras. Não consigo explicar qual é a sensação de dar uma caída de manhã cedo, sem ninguém no mar. De ficar surfando sozinho, tranquilo, sem estresse.
Mero - O surf é uma forma de exercitar a alma.

Qual a coisa mais fantástica que o surf proporciona?
Carlos - A conexão mágica que você acaba tendo com o mar. É uma sensação inefável. Um prazer só comparável ao sexo.
Dema - É a ligação com a natureza. Os surfistas interagem com os elementos. Eles precisam estar sintonizados com as ondulações, com as marés, com os ventos... são coisas assim que fazem do surf um esporte diferente.

Alfo - O que mais me seduz é o abraço de uma onda perfeita. Eu sempre piro em viajar, em procurar uma onda diferente. Não me importo em esperar pelo vento ou pela ondulação certa para as condições ficarem perfeitas. É a busca e este envolvimento com a natureza, que me abrem.

Qual a sensação que você sente depois de um dia de surf?
Carlos - O surf coloca teu corpo pra funcionar de uma maneira positiva. Ele me dá com a sua energia do meu jeito peculiar.
Alfo - Acho que todo surfista sofre quando está longe das ondas. O contato com o mar é muito importante para nosso corpo e também para nossa mente. Pegar um tubo, num dia de ondas perfeitas, é um orgasmo mágico. Algo muito especial, que é difícil descrever.
Ronaldo - Uma sensação de estar completo. Com a alma preenchida.

O que leva um surfista a viajar milhares de quilômetros atrás de uma onda?
Carlos - O desafio e o prazer de surfar uma onda perfeita.
Dema - Fugir da civilização. Poder estar num lugar distante, onde ele vai se sentir mais livre e desprendido dos valores materiais. Ter a sensação de que a gente não precisa muita coisa para ser feliz.
Ronaldo - O desconhecido. A aventura de poder se largar pelo mundo.

O que faz um homem com mais de 40 anos sentir o mesmo prazer que um adolescente de 15?
Carlos - Quanto mais próxima for a sua relação com surf, com o mar e com os demais elementos da natureza, mais fácil vai ser você se sentir bem consigo mesmo. Em paz com a sua alma. O surf é uma grande ferramenta para se alcançar esse estado de espírito. Eu tenho quatro filhos e todos eles surfam. Nossa relação é muito próxima e a gente gosta de surfar junto. No final das contas, o surf acabou criando uma complicidade ainda maior entre eu e meus filhos.
Dema - Eu acho que o esporte em geral torna as pessoas mais leves, mais naturais. Eu vejo pelos meus amigos que se formaram em Engenharia Química e não surfam. Hoje em dia, eles parecem velhos com mais de 80 anos.

Os surfistas são diferentes e vão sempre estar se sentindo jovens. O surf rejuvenesce?
Alfo - Na minha opinião, o surf não tem idade.
Ronaldo - Jovem ou adulto, é tudo igual. A curiosidade é exatamente a mesma. Não tem essa da capacidade física te limitar. Não existe compromisso com a performance. É pura diversão.



C. Meira Fotos arquivo pessoal



Vestibular
2001

Pra você que sempre foi vidrado em emoção.

- Administração (Geral, Análise de Sistemas, Comércio Exterior, Recursos Humanos, Hospitalar, Gestão Ambiental e Marketing)
- Ciências Biológicas
- Ciências Contábeis
- Direito
- Educação Física
- Enfermagem
- Fisioterapia
- Hotelaria
- Jornalismo
- Letras
- Matemática
- Medicina Veterinária
- Nutrição
- Oceanografia
- Pedagogia
- Publicidade e Propaganda
- Rádio e TV
- Relações Públicas
- Secretariado
- Executivo Bilingüe
- Terapia Ocupacional
- Turismo

Inscrições: 20 de out. a 11 nov.
 Prova: 18 de nov.
 Local: Av. Senador Feijó, 340/350 - Santos/SP
Informações: 0800.556650



UNIMONTE
 CENTRO EDUCACIONAL SUPERIOR
www.unimonte.br

HAVAIANO CAMPEÃO



Demorou 15 anos, mas ele chegou lá

Sunny Garcia é o mais novo campeão mundial. Garcia, 30, foi o segundo surfista havaiano a conquistar o título mundial do WCT. Antes dele, Derek Ho, havia conseguido pagar o conceito. Sunny garantiu o título de temporada 2000 durante a etapa brasileira do WCT (Rio Surf International), que foi disputada na Barra de Taquá, Rio de Janeiro, entre os dias 18 e 22 de outubro do ano 2000. Garcia se tornou o primeiro brasileiro a vencer o WCT durante a etapa brasileira do WCT (Rio Surf International), que foi disputada na Barra de Taquá, Rio de Janeiro, entre os dias 18 e 22 de outubro do ano 2000. Garcia se tornou o primeiro brasileiro a vencer o WCT durante a etapa brasileira do WCT (Rio Surf International), que foi disputada na Barra de Taquá, Rio de Janeiro, entre os dias 18 e 22 de outubro do ano 2000. Garcia se tornou o primeiro brasileiro a vencer o WCT durante a etapa brasileira do WCT (Rio Surf International), que foi disputada na Barra de Taquá, Rio de Janeiro, entre os dias 18 e 22 de outubro do ano 2000.

Ranking oficial do WCT depois do Rio Surf International 2000 - WCT#12

- 1 Sunny Garcia (Haw) 7270-points
- 2 Luke Egan (Aus) 6300
- 3 Jake Paterson (Aus) 6050
- 4 Brian Burrow (Haw) 5980
- 5 Taj Burrow (Aus) 5780
- 6 C.J. Hobgood (USA) 5660
- 7 Michael Campbell (Aus) 5630
- 8 Rolo Machado (USA) 5510
- 9 Flavio Paderatz (Brz) 5510
- 10 Shea Lopez (USA) 5380



SOLZINHO BOM

Largatear requer alguns cuidados. Uma empresa brasileira está importando o protetor solar Variouso. Cada embalagem vem com um refil fator de proteção solar 2 e outro 30, e um mecanismo mistura os dois na medida que você desejar. Outra novidade é o cartãozinho de foto: você coloca ele no sol e ele te mostra qual é o fator de proteção solar indicado para o dia e para o seu tipo de pele. O produto corresponde aos mais altos padrões de qualidade. O Variouso deve chegar nas prateleiras no final de dezembro custando R\$ 40 e kit inicial e R\$ 12 o refil.



Foto: Guilherme Dantas

E O SIRI, HEIN?

Já que os porcahões não se preocupam em depositar seus restos no lixo, o jeito foi apelar pra uma máquina alemã que combate a poluição e preserva o meio ambiente. A partir deste próximo verão, algumas praias de São Paulo e Florianópolis receberão uma máquina deste dinossauro alemão da foto chamado Beach Tech. A máquina é acoplada a um trator que faz a areia circular por uma peneira separando o lixo e devolvendo areia limpa. Desde as pedreiras mais pesadas até a bituca de cigarro, tudo fica retido numa camba. A limpeza chega a 20 cm do nível do solo e desinfecta tudo, eliminando até as micose, sem qualquer impacto ambiental. O que ninguém falou ainda é como ficam os siris nessa história.



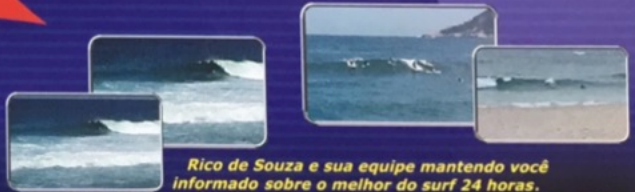
TRÍPLICE FUNÇÃO

Você madrugou e o mar estava fiat. Ao meio-dia você voltou e escutou que as ondas de vida quebraram às 10h da manhã, bem na virada da maré. Pois é, manô! O Dax - 110PS2 da Cassio, é o relógio de pulso que pode acabar com essa frescura. Além de ter o logotipo da Tríplice Coroa gravado na sua caixa, o relógio suporta pressão de até 200 metros de profundidade, registra as diferentes fases da lua e é resistente à baixas temperaturas (-20°C). Fora isso, conta com um vidro mineral anti-arranhão. Mas o grande lance é que este modelo permite que o usuário acompanhe de perto as mudanças no nível das marés.

O site 100% surf com a qualidade e experiência internacional de Rico de Souza.



- ▶ **Câmeras ao vivo** mostrando as condições do mar em tempo real.
- ▶ **Fotos Digitais** registrando os melhores picos e suas ondas.
- ▶ **Condições do mar** em 14 praias do Rio de Janeiro.
- ▶ **Cobertura** dos principais campeonatos de surf.



Rico de Souza e sua equipe mantendo você informado sobre o melhor do surf 24 horas.

conecte-se agora



Rico Promoções Esportivas
Tel/Fax: (21) 438-8271 Tel: 438-6962/6963 ricohawaii@globo.com

ALÔ, ALÔ

A Motorola apresenta três novas versões dos rádios Talk About, uma evolução do velho e bom walk talkie, especialmente criado para fins não profissionais. O equipamento pode ser utilizado em casa, nas viagens, na prática de esportes, permitindo uma conversação rápida entre duas partes separadas por uma distância de até 3 quilômetros. O modelo mais simples, o FR 50, tem aproximadamente 16 cm de comprimento e custa aproximadamente R\$ 290 o par. O modelo FR 60, disponível na cor azul, tem preço aproximado de R\$ 359 o par. O modelo mais avançado, T 289, cabe na palma da mão e o preço, só sob consulta. Os rádios podem ser encontrados em lojas de departamento, telefonia celular, produtos eletro-eletrônicos e artigos esportivos.

Por Patricia Barros



Gu considere o cabo Horn o curne da montanha

JANGADA HIGHTECH

Os livros contam que os antigos comemoravam a passagem pelo agitado Cabo Horn metendo um brinco na orelha. A cada curva, um furo. A região, apelidada de fim do mundo, é conhecida pelos ventos e correntezas fortes e é o ponto alto da viagem maluca dos paulistas Beto Pandiani e Gui Von Schmidt.

Eles partiram há algumas semanas pra uma empreitada de 5 meses e 4 mil milhas de Puerto Montt no Chile até o Rio de Janeiro. Apesar de muito bem equipados,

os dois terão de enfrentar o buraco na camada de ozônio, os tubarões, o frio e as ondas enormes a bordo de dois Hobie Cat 21 pés sem cabine.

A expedição foi batizada de Rota Austral e teve o apoio da Semp Toshiba, TAM, Terra, Visa, Mitsubishi e Net Virtua.

LUPA DO SURF

A Oakley acaba de lançar uma grande novidade. Uma das marcas de óculos mais conhecidas e usadas pelos surfistas meteu no mercado o Water Jacket, um modelo desenvolvido para situações aquáticas extremas. Com um design inovador, que é a marca registrada da Oakley, o Water Jacket conta com tecnologia de ponta e foi desenvolvido para dar o máximo de proteção contra os raios ultra-violeta. A novidade se tornou a mais nova inimiga do zangão, doença que atinge as pessoas que costumam ficar expostas por um longo período de tempo, a ação dos raios solares. Cheque: www.oakley.com e confira.



THE IRONY OF SWATCH



SURF REPORT LOOKS GOOD

swatch
IRONY

SOM NA CAIXA!

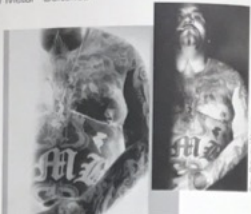
por Marcos Bouças

O batucadum dos res do mangue beat volta mais pesado e variado. É isso aí. A "Nico Zumbi" está na área com disco novo. Também orindus da mesma raça vem Canibal e a turma do "Devotos", que está chegando junto com seu segundo disco. Já para aqueles que curtem o reggae, quem aparece pra ficar é a galera de Brasília. "Jah Live". Os caras estão debutando com um roots reggae bem produzido e cheio de boas melodias e vibrações. Agora, no terreno gringo, não param de pipocar bons lançamentos. Para a turma que curte bossa nova, db e dub jamaicano, a boa pedida é mergulhar nas batidas elegantes do "Thevery Corporation" "Merrow Conspiracy" é o nome da bolacha. Já para os mancos que são fissurados no hip-hop, vale a pena conferir o novo show de groove do "De La Soul" com (Art Official Intelligence). Para a turma que curte as guitarras a 120 Km por hora do hard core americano, não dá pra perder o novo do "NOFX", Pump up the Valium.



SE VOCÊ CURTE ESTA BANDA, OUAÇA A OUTRA

Sonic Youth - Mogwai
Joko Gilberto - Thevery Corporation
Beastie Boys - At The Drive In
Hip-Hop - Jurassic 5
New Metal - Deftones



CONVENÇÃO DE TATUAGEM

by Arthur Versano

Percorrendo os corredores da convenção de tatuagem em São Paulo, encontrei os mais insólitos e bizarros criaturas que perambulam por este país. A impressão era de já ter visto aqueles personagens em algum zôo há um bom tempo. Os mais doidos, como sempre, se identificavam com a minha carranca. Resolvi dar um 2 em uma loja de bodypiercing onde acontecia uma sessão de branding. O tipo que ia ser marcado era um garotão pálido e sinistro de Porto Alegre que chegou de bumba exclusivamente para a tortura. O branding é similar ao método de marcar o gado com ferro em brasa. O cheiro do ambiente era de churrasquinho de fim de festa. Empapado de tanta tipologia fui tomar uma cerveja. No bote da convenção conheci os alucinados e festivos Abztrez, organização de motoqueiros baseada em São Paulo e espalhada por todo o Brasil. Foi convidado para fazer uma matéria in loco com a rapaziada desfilando e barbarizando com suas motocicletas alegóricas pelas estradas e avenidas. Sem pestanejar, fechei a parada. A IV Convenção Internacional de Tatuagem aconteceu nos dias 20, 21 e 22 de outubro no Galpão da Barra Funda em São Paulo. www.tatoobrazil.com.br

Arthur Versano é repórter da Revista Trip e do Programa do Patrão.

NICOTINA JAZZ

por Marcos Bouças

Áinda existem alguns óleos de bom gosto que acabam salvando os nossos ouvidos. Por falar nisso, o Free Jazz, pra virar o nosso ano musical com as performances inspiras de "Mero Chaz", "Sonic Youth" e "Leftfield". Gracias a melitta nicotina e o bem intencionado Festival, vivemos momentos clássicos com a nota do "Acid Jazz", "Bark", "George Clinton", "Ben Harper" nos últimos dias decaídas fomos cruzados por metaleros farofa, bandas australianas decadentes e reggae meia boca. Na área de me restarem, consigo recordar de boas passagens: "Rancosis", "Six Patrol", "Jello Biafra", "Bad Religion", "Buzzcocks", "GFI", "NoFX", "Rollins Band", "DPL", "Sick Of It All", sem falar de bandas não menos pesadas como "Dog Eat Dog", "Behazar" e "Body Count". E por falar em peso, vale repetir que o tal mega evento chamado Rock in Rio 3, pode ser salvo pelo metal moderno do "Deftones" e "Queen of a Stone Age". Fiquem ligados!





Surf

Alma

Ano 1 #1 Outubro / Novembro 2000

R\$ 6,00

TITO ROSEMBERG
 PURO SURF
 PUERTO ESCONDIDO
 FOREVER YOUNG
 NORONHA

